



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## RESPOSTAS AOS RECURSOS DA PROVA DE FILOSOFIA

## PROTOCOLO: 254

Inscrição: 0705893

Candidato: JADERSON BORGES LESSA

Campus: Caxias

Dt.Envio: 18/05/2015 22:45:10

Questão: 2

Bibliografia: GOBRY, Ivan. Vocabulário Grego da Filosofia. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

RECURSO:

A afirmativa V da questão 2 tem como correto que "... de onde tudo brota e para onde tudo regressa é a physis...".

Apesar do que se estabeleceu, porém, o termo grego physis NÃO parece corresponder com essa ideia de "regressar".

(Assim, a afirmativa V estaria errada).

O substantivo physis quer dizer faço crescer, faço nascer, e, ainda, eu broto, eu cresço, eu nasço. O termo designa a Natureza que se manifesta como potência, que comunica e organiza a vida."

Ou seja, a physis é de onde os seres brotam, mas não é regresso. Tal conceito de physis (não como regresso) pode ser encontrado na Física II de Aristóteles e Górgias de Platão. Outra fonte que mostra exatamente o contrário da ideia de "regresso" é o Dicionário de Filosofia de Cambridge (p. 721).

Sendo assim, diante dessa interpretação, a resposta da questão 2 não pode ser a alternativa "e" como se estabeleceu no gabarito da prova, pois tal afirmativa V está INCORRETA. Portanto, meu pedido é que sejam avaliadas as ponderações aqui apresentadas. Nesse caso, meu pedido é que a questão deveria ser anulada uma vez que não há uma alternativa restante que corresponda as afirmativas corretas (de I a IV).

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Para os filósofos pré-socráticos, é da physis que tudo brota (nasce) e, é para ela, que tudo regressa (morre). Desse modo, a physis é "o fundo perene e imortal de tudo o que nasce e morre". (p.47).

**REFERÊNCIA**

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. V. 1.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 308

Inscrição: 0705864

Candidato: GABRIEL PEREIRA PORTO

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 08:09:31

Questão: 2

Bibliografia: CAVALCANTE DE SOUSA, José. Os Pré-Socráticos. São Paulo: Ed. Ática, 1991.  
(Coleção Os Pensadores vol

RECURSO:

Na opção V, onde diz: "A phýsis é o fundo imortal e perene de onde tudo brota e para onde tudo regressa" é certamente uma afirmação verdadeira sobre os pré-socráticos, mas o restante da frase "qualidade primordial da origem e constituição dos seres" parece se referir muito mais à "arché" do que a phýsis", fazendo com que a opção V, num todo, pareça uma espécie de armadilha (popular "pegarato").

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Para os filósofos pré-socráticos, é da physis que tudo brota (nasce) e, é para ela, que tudo regressa (morre). Desse modo, a physis é "o fundo perene e imortal de tudo o que nasce e morre". (p.47) Por estar na origem e constituição de todos os seres, a physis "abarca a totalidade de tudo o que é. Pode ser apreendida em tudo o que existe e em tudo o que aparece e acontece [...]". (p. 47).

**REFERÊNCIA**

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. V. 1.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 400

Inscrição: 4206045

Candidato: MAURÍCIO TAVARES PEREIRA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 19/05/2015 13:30:51

Questão: 2

Bibliografia: ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 4 ed., São paulo: Martins Fontes,2000.

RECURSO:

Solicito a anulação da questão de numero 2, visto que há irregularidades no item III, a questão esta mal elaborada. Esta afirmação esta falsa e não correta como foi divulgado no gabarito preliminar: "Seu pressuposto é que nada vem do nada...Não há criação a partir do nada." Os primeiros filósofos pré-socráticos buscavam o principio do mundo e das coisas da natureza (physis) na Arché ou princípio de todas as coisas. O fogo, o átomo, a água, os átomos, etc. E não no nada.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Para os filósofos pré-socráticos, não há o nada. Há a physis. O nada é apenas um pressuposto para se afirmar qualquer origem na própria physis. Por ser esta "o fundo perene e imortal de tudo o que nasce e morre, os primeiros filósofos afirmaram que 'nada vem do nada e nada retorna ao nada' ". (p. 47).

**REFERÊNCIA**

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. V. 1.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 539

Inscrição: 2105206

Candidato: RICARDO LAVALHOS DAL FORNO

Campus: Ibiruba

Dt.Envio: 19/05/2015 19:02:06

Questão: 2

Bibliografia: Iniciação à História da Filosofia (Danilo Marcondes)

RECURSO:

A seguinte afirmativa, referente ao pensamentos dos filósofos pré-socráticos consta como

VERDADEIRA:

"III- Seu pressuposto básico é que "nada vem do nada e nada retorna ao nada": não há criação a partir do nada"

O filósofos pré-socráticos, de fato, afirmaram que as coisas existentes derivam de uma matéria primeira já existente. Porém, eles nunca questionaram a origem dessa matéria primeira, justamente para não caírem num circulus vitiosus sem fim. Sendo assim, a frase "nada vem do nada" não pode ser aplicada ao contexto dos filósofos pré-socráticos.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Para os filósofos pré-socráticos, não há o nada. Há a physis. O nada é apenas um pressuposto para se afirmar qualquer origem na própria physis. Por ser esta "o fundo perene e imortal de tudo o que nasce e morre, os primeiros filósofos afirmaram que 'nada vem do nada e nada retorna ao nada' ". (p. 47).

**REFERÊNCIA**

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. V. 1.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 535

Inscrição: 2105206

Candidato: RICARDO LAVALHOS DAL FORNO

Campus: Ibiruba

Dt.Envio: 19/05/2015 18:43:09

Questão: 3

Bibliografia: Apologia de Sócrates (Platão), Iniciação à História da Filosofia (Danilo Marcondes)

RECURSO:

A seguinte alternativa, referente ao pensamento de Sócrates, consta, de acordo com o resultado do gabarito, como falsa:

"I- Parte, constantemente, da afirmação do não saber, pondo-se diante do interlocutor do diálogo na posição de quem tem tudo a aprender, mais do que na posição de quem tem a ensinar"

Porém, é praticamente unanime entre os comentadores de Sócrates e de História da Filosofia que esta afirmação é Verdadeira.

Podemos comprovar isto na Apologia de Sócrates escrita por Platão e em livros de história da Filosofia como o Iniciação à História da Filosofia, Danilo Marcondes.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

A argumentação supracitada não diz respeito à questão 3, mas à questão 4.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 40

Inscrição: 0704018

Candidato: JOÃO EDUARDO NAVACHI DA SILVEIRA

Campus: Caxias

Dt.Envio: 18/05/2015 10:42:05

Questão: 4

Bibliografia: PLATÃO, Fédon. e, BENOIT, Hector. Sócrates. O nascimento da razão negativa.

RECURSO:

Peço, por gentileza, que analise a sentença II da questão 4. Para Sócrates, o homem é ESSENCIALMENTE alma, e não corpo e alma como está presente na sentença II da prova. Portanto, nem a alternativa B e nenhuma das outras alternativas (De A à E) pode estar correta. Solicito, portanto, a anulação da questão.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 48

Inscrição: 0705593

Candidato: ADAIR ADAMS

Campus: Caxias

Dt.Envio: 18/05/2015 11:00:48

Questão: 4

Bibliografia: REALE, Giovanni. História da Filosofia 1, Patrística e Escolástica. São Paulo: Paulus. 2003

RECURSO:

Para a questão 4, não há nenhuma alternativa que compreende as afirmativas sobre o pensamento de Sócrates: As afirmativas corretas são a 1 e a 4. E nenhuma das alternativas contém essa possibilidade. No gabarito apresenta a resposta certa a letra C) que são as afirmativas II e IV. E a afirmativa II está errada.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 136

Inscrição: 2102611

Candidato: JONATAN WILLIAN DANIEL

Campus: Ibiruba

Dt.Envio: 18/05/2015 15:02:28

Questão: 4

Bibliografia: ARANHA, M. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: Introdução à filosofia*. 5. ed. São Paulo: Moderna,

RECURSO:

O gabarito preliminar dá como errado o enunciado I (Parte constantemente da afirmação de não-saber...) Mas encontrar-se-á em qualquer manual de filosofia que o mote socrático era "Só sei que nada sei" e, uma das obras da bibliografia do concurso na qual podemos ler sobre isso é em ARANHA, M. de A.; MARTINS, M. H. P (2013, p. 152) no textinho intitulado "Sócrates e o conceito". A resposta correta da questão 4 é a letra A.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.





Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 164

Inscrição: 2103180

Candidato: FERNANDA DE OLIVEIRA VEIVERBERG

Campus: Ibiruba

Dt.Envio: 18/05/2015 16:18:07

Questão: 4

Bibliografia: ARANHA, M. de A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: Introdução à filosofia. 5. ed. São Paulo: Moderna, 2013

RECURSO:

A alternativa correta é a letra "A", pois, na página 152 do livro "Filosofando" de Aranha, vimos a afirmação de que Sócrates partia do pressuposto de que nada sabia e que afirmava sua ignorância. Ou seja, não é um caso de anular a questão, apenas alterar o gabarito considerando a alternativa "A" como correta.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 173

Inscrição: 0703164

Candidato: FÁBIO TIONI KARLING

Campus: Caxias

Dt.Envio: 18/05/2015 16:53:15

Questão: 4

Bibliografia: Antologia ilustrada de Filosofia-Ubaldo Nicola

RECURSO:

I- o ignorante supõe saber tudo. O sábio sabe que nada sabe.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 301

Inscrição: 3004925

Candidato: MAURÍCIO MEDEIROS VIEIRA

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 02:24:35

Questão: 4

Bibliografia: REALE, G.; ANTISERI, D. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. 6. ed. São Paulo: Paulus,

RECURSO:

Na questão 4, o na primeira afirmação diz: I. Parte da afirmação do não saber, pondo-se diante do interlocutor do diálogo na posição de quem tem tudo a aprender, mais do que na posição de quem tem a ensinar. Segundo Giovanni Reale e D. Antiseri, é uma afirmação correta que se encontra na página 97 item 1.11 O "não saber socrático". No texto, Giovanni Reale coloca já no primeiro parágrafo essa afirmação do método socrático; "Os Sofistas mais famosos relacionavam-se com os ouvintes na soberba atitude de quem sabe tudo. Sócrates, ao contrário, colocava-se diante dos interlocutores na atitude de quem não sabe nada e de quem tem tudo a aprender". Com isso, essa alternativa é correta e é considerada incorreta pelo gabarito.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 307

Inscrição: 0705864

Candidato: GABRIEL PEREIRA PORTO

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 08:04:20

Questão: 4

Bibliografia: PLATÃO. Teeteto — Crátilo. In: Diálogos de Platão. Tradução do grego por Carlos Alberto Nunes. 3a.

RECURSO:

A "Maiêutica" é sim um método que busca demonstrar ao interlocutor que ele não sabe aquilo que achava que sabia, sua finalidade última é alcançar um novo e melhor conhecimento, mas parte do processo é a "descoberta da própria ignorância", ou seja, não deixa de ser "uma finalidade" (objetivo) do método maiêutico.

Sendo assim, considero que a opção III deveria ser considerada verdadeira também.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 351

Inscrição: 0705893

Candidato: JADERSON BORGES LESSA

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 11:07:03

Questão: 4

Bibliografia: ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RECURSO:

A afirmativa II da questão 4 tem como verdadeira que para Sócrates "O ser humano é, essencialmente, corpo e alma...".

Apesar do que se estabeleceu, porém, para Sócrates o ser humano não parece ser essencialmente "corpo e alma".

De acordo com a antropologia socrática o homem é a sua psiqué (alma).

(Assim, a afirmativa II estaria errada).

Psyqué (alma) é a natureza, a essência, ou seja, é um princípio de natureza vital ou espiritual que "anima" o corpo.

Assim, a psiqué é o que distingue o humano das outras coisas e outros seres; não o corpo. O corpo, para Sócrates, é um instrumento, não define a identidade de ser humano.(Mas isso não é um dualismo.

Simplemente quer dizer que é a psiqué que explica algo sobre o ser humano, que define o que é ser humano).

Portanto, para Sócrates o homem é a sua alma (psyqué).

Desse modo, diante dessa interpretação, a resposta da questão 4 não pode ser a alternativa "c" como se estabeleceu no gabarito da prova, pois tal afirmativa II não é verdadeira. Portanto, meu pedido é que sejam avaliadas as ponderações aqui apresentadas. Nesse caso, meu pedido é que a questão deveria ser anulada uma vez que não há uma alternativa restante que corresponda as afirmativas verdadeiras.

Bibliografia.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REALE, G.; ANTISERI, D. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990. 1. v.

COLEÇÃO OS PENSADORES, Sócrates. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. VI-XXIII.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 353

Inscrição: 3004110

Candidato: GABRIEL HEIDRICH MEDEIROS

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 11:13:48

Questão: 4

Bibliografia: Reale, Giovanni História da filosofia : filosofia page antiga, v. 1 | Giovanni Reale. Dario Antiseri

RECURSO:

A questão número quatro aponta em sua primeira afirmativa que Sócrates parte de uma afirmação de não saber. Tal ponto é ratificado por Reale página 109. Deste modo a resposta certa poderia ser também a opção A.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 380

Inscrição: 0705957

Candidato: EDUARDO RUTTKE VON SALTIEL

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 12:32:48

Questão: 4

Bibliografia: PLATÃO. Diálogos I: Mênon, Banquete, Fedro. Trad. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

RECURSO:

É inadequado afirmar a falsidade da primeira opção, pois é fato que Sócrates "parte constantemente da afirmação de não-saber, pondo-se diante do interlocutor do diálogo na posição de quem tem tudo a aprender, mais do que na posição de quem tem a ensinar". Exemplos disso, nos diálogos platônicos, são frequentes. Dentre eles, podemos mencionar o início do Mênon: quando o personagem Mênon pergunta Sócrates se este é capaz de dizer se a virtude pode ser ensinada, Sócrates responde que concorda com a opinião de seus concidadãos que afirmam: "Não sei nem se a virtude pode ser ensinada, nem se não pode; para dizer tudo, não sei sequer o que é a virtude!" (PLATÃO, Mênon, p. 44).

Outro exemplo encontramos no diálogo platônico

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 389

Inscrição: 4202809

Candidato: SERGIO GUILHERME SANTOS PORTELLA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 19/05/2015 13:10:19

Questão: 4

Bibliografia: REALE, G.; ANTISERI, D. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. 6. ed. São Paulo: Paulus,

RECURSO:

A questão 4 da prova de Filosofia, acerca do “pensamento filosófico de Sócrates”, segundo o gabarito de respostas no tratante às afirmativas aí presentes, destas, deveria assentir como verdadeiras “apenas II e IV”. Considerar-se-ia falsa, portanto, a afirmativa I abaixo citada:

“Parte constantemente da afirmação de não-saber, pondo-se diante do interlocutor do diálogo na posição de quem tem tudo a aprender, mais do que na posição de quem tem a ensinar”

Para fins de exegese, o trecho citado será dividido em duas partes:

(i) a enunciação de que Sócrates “parte constantemente da afirmação de não-saber” consoa à douda ignorância socrática, cuja ampla consideração na tradição filosófica identifica o papel da ironia [1] no diálogo: Sócrates, afirmando nada saber, força seu interlocutor a expressar suas crenças para, enredando-as às próprias contradições internas, obrigá-lo a admitir a própria ignorância acerca do tema que anteriormente julgara conhecer;

(ii) da afirmação “pondo-se diante do interlocutor do diálogo na posição de quem tem tudo a aprender, mais do que na posição de quem tem a ensinar”, temos expressa a maneira pela qual Sócrates se põe frente ao interlocutor, no intuito de conduzi-lo ao despojo das crenças que julgou verdadeiras. A demolição dessas pseudoverdades é também a autodemolição da falsa imagem otimizada mantida pelo sujeito, seu autoengano, o que justifica a postura receptiva e encorajadora assumida pelo filósofo. Ou seja, o momento da admissão da própria ignorância pelo interlocutor, regenciado por Sócrates, requer a espontaneidade da entrega da própria condição néscia pelo falante, sob o risco da não realização catártica necessária à operação conseguinte, a maiêutica. Ou, nas palavras de MONDOLFO, Em todas estas passagens é evidente a ironia socrática junto à seriedade das convicções expressas. Sócrates finge ser capaz unicamente de atuar como parteiro, incapaz, porém, de conceber por conta própria (isto é, capaz de interrogar, mas não capaz de ensinar alguma coisa). [grifo nosso] [2]

Por (i), julgamos suficiente a afirmação do “não saber” trazido pela questão como afim ao momento do método socrático definido como ironia; por (ii), julgamos demonstrada a compatibilidade da expressão problematizada com a “pragmática expressiva” empregada por Sócrates na efetivação da ironia; ou, seguindo os passos de Mondolfo, julgamos compatíveis os trechos “de quem tem tudo a aprender” com o “capaz de interrogar”, bem como do trecho “mais do que na posição de quem tem a ensinar” com a expressão “mas não capaz de ensinar alguma coisa”.

O presente itinerário, permitindo a tomada da afirmação I da questão citada como verdadeira, colide com a resposta assumida pelo gabarito, justificando, assim, a anulação da questão.





Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

[1] “Antes de tudo, cumpre desembaraçar o espírito dos conhecimentos errados, dos preconceitos, opiniões; isto é o momento da ironia, da crítica” (PADOVANI, H. CASTAGNOLA, L. História da Filosofia. Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1958, p. 60.).

[2] MONDOLFO, R. O Pensamento Antigo (II). Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1964, p. 165,

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 396

Inscrição: 4206045

Candidato: MAURÍCIO TAVARES PEREIRA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 19/05/2015 13:22:21

Questão: 4

Bibliografia: ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 4 ed., São paulo: Martins Fontes,2000.

RECURSO:

Solicito a anulação da questão 4, visto que as afirmações I e III do Sócrates são corretas e não falsas conforme foi divulgado no gabarito preliminar.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 408

Inscrição: 0704989

Candidato: KAREN GIOVANA VIDELA DA CUNHA NAIDON

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 14:14:06

Questão: 4

Bibliografia: BRICKHOUSE, T. C. e SMITH, N. D. Plato's Socrates. Oxford: Oxford University Press, 1994.

**RECURSO:**

Na questão 4, a afirmativa I deve ser considerada verdadeira, ao contrário do que indica o gabarito. É amplamente aceita entre os estudiosos sobre o tema e perceptível a partir da leitura dos diálogos socráticos de Platão a verdade da afirmação de que Sócrates “parte da afirmação de não-saber”. Tal afirmação constitui o que se costuma chamar de “ignorância socrática”, que consiste na admissão, por parte de Sócrates, dos limites de seu conhecimento, em oposição à atitude de muitos de seus concidadãos, especialmente os sofistas, que se consideravam conhecedores do que é a virtude, a justiça, etc. Em virtude da admissão de Sócrates de sua ignorância, precisamente, é que ele foi considerado pelo oráculo como o mais sábio entre os homens, como se pode extrair a partir da leitura de “A defesa de Sócrates”, de Platão. Em consonância com essa atitude de partir da afirmação de não-saber, naturalmente, Sócrates acaba por se colocar, diante do interlocutor nos diálogos, na posição de quem tudo tem a aprender, mais do que na posição de quem tem a ensinar; caso contrário, ou seja, caso ele se pusesse na posição de ensinar o interlocutor, ele não estaria levando a sério sua afirmação de não-saber.

Além da afirmativa I, também deve ser considerada verdadeira a afirmativa III, ao contrário do que indica o gabarito. A maiêutica é, supostamente, o método que Sócrates utiliza para auxiliar seus interlocutores, metaforicamente falando, a “parir ideias” ou, em outros termos, chegar a uma conclusão acerca do seja realmente a virtude, a justiça, ou qualquer outro conceito que esteja sendo discutido. Entretanto, há vastas discussões, entre os estudiosos do pensamento socrático (por exemplo, Gregory Vlastos, Brickhouse & Smith, Mark McPherran e C. D. C. Reeve), sobre se é correto atribuir a Sócrates referido método, entendendo ele mais como fruto das narrações de Platão sobre a vida de Sócrates, as quais não necessariamente seriam fiéis relatos. Em virtude disso, tem sido mais aceito pelos estudiosos atribuir a Sócrates o método chamado de “elenchos.”

A primeira etapa deste método, o elenchos, consiste em “quebrar a solidez aparente dos preconceitos”, conduzindo o interlocutor do diálogo “à descoberta da própria ignorância.” Sócrates faz isso, sobretudo, apontando problemas nos preconceitos do interlocutor, como, por exemplo, sua inconsistência, vagueza, etc. A segunda etapa do método maiêutico seria um processo mais construtivo, pelo qual o interlocutor seria levado a uma concepção mais clara sobre aquele conceito que está sendo discutido. Não necessariamente, contudo, chegar a uma concepção mais clara equivale a chegar a uma definição do conceito em questão, podendo consistir, simplesmente, em não tomar uma definição errônea do conceito. Isto vai ao encontro, com efeito, da própria afirmação de Sócrates de sua ignorância. Segundo ele afirma em “A defesa de Sócrates”, somente o deus pode conhecer o que é a virtude; o homem seria limitado em sua capacidade de conhecê-la. Com base nisso, os estudiosos do pensamento de Sócrates têm discutido até mesmo se haveria alguma definição positiva do conceito discutido em cada caso deixada pelo método argumentativo socrático (o elenchos). Segundo muitos intérpretes, tal método seria tão somente destrutivo da solidez aparente dos preconceitos do interlocutor de Sócrates.

A partir disso, então, há que se admitir que o método socrático, seja ele chamado de maiêutica ou de elenchos, tem como finalidade primordial quebrar a solidez aparente dos preconceitos, conduzindo o



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

interlocutor à descoberta da própria ignorância. Sendo assim, a afirmativa III da questão 4 deve ser considerada verdadeira.

A verdade da afirmativa I já é suficiente para justificar a anulação da questão 4, uma vez que a resposta indicada pelo gabarito afirma que “apenas [afirmativas] II e IV”, o que é incorreto, tendo em vista que a afirmativa I também é verdadeira. Porém, como a afirmativa III também pode ser considerada verdadeira, o mais adequado é retificar o gabarito, modificando a resposta da alternativa C para a alternativa A. Diante do exposto, requer-se, por meio deste recurso, que se proceda ou à anulação da questão 4 ou à modificação de sua resposta para a alternativa A.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 411

Inscrição: 0703155

Candidato: FELIPE BRAGAGNOLO

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 14:29:39

Questão: 4

Bibliografia: RÖD, Wolfgang. O caminho da filosofia I. Tradução Ivo Martinazzo. - Brasília : Ed. UnB, 2014.

RECURSO:

Parece ser demasiadamente difícil compreender a afirmativa II da quarta questão como sendo verdadeira tendo em vista as seguintes premissas:

1ª. Conforme a obra intitulada Fédon de Platão, Sócrates em seu último dia de vida procurou convencer os amigos da imortalidade da alma e da ventura deles ao término de uma vida terrena ilibada (RÖD, 2014, p. 118);

2ª. Conforme o dualismo platônico, pensamento esse que também faz referência ao de Sócrates, é inconcebível colocar no mesmo plano corpo e alma. “[...] a filosofia de Platão é caracterizada de modo geral pelo conceito de separação essencial entre espírito e matéria, assim também a sua antropologia é particularmente dominada pela diferenciação entre corpo e alma” (RÖD, 2014, p. 162);

3ª. A afirmação de que “O ser humano é, essencialmente, corpo e alma” pode encaminhar o leitor para a compreensão de que ambas as concepções (corpo e alma) recebem a mesma atenção e cuidado do filósofo Sócrates. Podemos pensar que se o corpo perece a alma perece juntamente com ele e vice versa. (ARANHA, 2012, p. 304-307). No entanto, isso seria uma contradição a ideia de Sócrates. O conceito “essencialmente” surgiria assim como impróprio para ser utilizado na perspectiva da filosofia socrática nesse contexto.

4ª. Santo Agostinho retoma o pensamento platônico tendo em vista a supremacia que a alma possui diante do corpo. Um dos cerne do pensamento agostiniano está na retomada da “dicotomia platônica do ‘mundo sensível e o mundo das ideias’, mas substituiu este último pelas ideias divinas” (ARANHA, 2009, p. 161).

Segue-se então que:

Realizar a seguinte afirmação sobre a antropologia grega: “O ser humano é, essencialmente, corpo e alma”; seria contraditória a toda a tradição filosófica que nos precede, pois o conceito “essencial”, além de ser extremamente central no conjunto dessa filosofia (a ideia de essência), acaba por nivelar conceitos diversos e de magnitudes filosóficas distintas no contexto da filosofia grega. A alma sempre recebe uma maior atenção que o corpo, a primeira fazendo referência ao mundo inteligível, enquanto a segunda, ao mundo sensível. Fica evidente a atenção e o cuidado de Sócrates oferecido a essa questão na primeira premissa mencionada acima. Tal questão, no entanto, ao meu ver, não seria contraditória, se ao invés de ter sido utilizado o conceito de “essencialmente” se tivesse feito o uso de “constituído”. Logo, a afirmação ficaria: “O ser humano é constituído de corpo e alma”. Essa, deixaria em aberta a interpretação do corpo como fazendo relação direta com a vida sensível e a alma com a vida inteligível, não evidenciando nenhum caráter de “essencialidade”.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 460

Inscrição: 2102751

Candidato: MELISSA FERNANDA COPETTI

Campus: Ibiruba

Dt.Envio: 19/05/2015 16:25:51

Questão: 4

Bibliografia: Reale, Giovanni História da filosofia : filosofia pagã antiga, v. 1 | Giovanni Reale. Dario Antise

RECURSO:

Na questão, da alternativa dada como correta (c)Apenas II e IV), há um erro, no sentido em que, das opções colocadas como verdadeiras, a "II", a saber do conteúdo:

"II- O ser humano é, essencialmente, corpo e alma. Esta junção o distingue, especificamente, de todas as outras coisas ou seres existentes."

possui um problema, pois esta afirma, que de acordo com Sócrates, o homem é essencialmente corpo e alma. De acordo com o capítulo quarto da obra "História da filosofia : filosofia pagã antiga" de Giovanni Reale. Dario Antiseri, intitulado "Sócrates e os Socráticos menores", o homem é "essencialmente a alma", e "não essencialmente corpo e alma", como diz a questão. Cito o trecho em que é citado:

"O que é a natureza ou realidade última do homem?", ou seja: "O que é a essência do homem?". A resposta é, finalmente, precisa e inequívoca: o homem é a sua alma, enquanto é precisamente sua alma que o distingue especificamente de qualquer outra coisa. E por "alma" Sócrates entende a nossa razão e a sede de nossa atividade pensante e eticamente operante."(REALE; ANTISERI, 2003, p.95)

portanto, se a alternativa "II" da questão encontra-se errada, a resposta "Apenas II e IV" é incorreta.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 540

Inscrição: 3005237

Candidato: ARNILDO POMMER

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 19:06:01

Questão: 4

Bibliografia: REALE, G.; ANTISERI, D. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. 6. ed. São Paulo: Paulus,

RECURSO:

. Leia as afirmativas abaixo, relativas ao pensamento filosófico de Sócrates.

- I. Parte constantemente da afirmação de não saber, pondo-se diante do interlocutor do diálogo na posição de quem tem tudo a aprender, mais do que na posição de quem tem a ensinar.
- II. O ser humano é, essencialmente, corpo e alma. Esta junção o distingue, especificamente, de todas as outras coisas ou seres existentes.
- III. Pela maiêutica, cuja finalidade consiste em quebrar a solidez aparente dos preconceitos, o interlocutor do diálogo é conduzido à descoberta da própria ignorância.
- IV. Segundo Aristóteles, a lógica socrática (ou o método socrático) ergue-se sobre dois pilares fundamentais: o raciocínio indutivo e a ideia.
- V. Com a ironia, a ignorância do interlocutor do diálogo é superada através da descoberta, por ele mesmo, da verdade interior, encontrando, assim, o verdadeiro conhecimento (episteme).

A alternativa em que todas as afirmativas são verdadeiras é:

- a) Apenas I, II e III.
- b) Apenas II e V.
- c) Apenas II e IV.
- d) Apenas III e IV.
- e) Apenas II, IV e V.

Argumentação. No gabarito aparece como correta a alternativa “c”, (apenas II e IV estão corretas), porém, marquei como correta a alternativa “b”, (apenas II e V estão corretas). Concordo com o item “II”, mas discordo do item “IV”, devido à formulação inadequada da hipótese proposta como verdadeira. É certo que Sócrates parte do raciocínio indutivo (dos geômetras) para chegar ao conceito (ideia), porém a formulação da resposta induziu-me a erro por duas razões. A primeira delas é a de que “Não se sabe quem teria utilizado, pela primeira vez, a forma *logiké* [lógica], mas sabemos que esta palavra é desconhecida de Aristóteles” (Alcoforado, Paulo. *Lógica, Analítica, Dialética & c.* In: *Aquinate*, nº 2, 2006, p. 162). Portanto, afirmar que “Segundo Aristóteles, a lógica socrática (ou o método socrático)...” não me parece correto. A segunda razão diz respeito a uma questão analítica, pois não se pode afirmar que alguma coisa seja “lógica” e a seguir, explicar o significado de lógica, como se fosse sinônimo de método. Além do mais, a expressão “método” também é tardia, sendo utilizada no início do cristianismo e com sentido pejorativo. “O termo *méthodos* consta em Gregório de Nissa (que viveu entre 335-394). Ele o usa, a fim de designar uma astúcia ou uma maquina [maquinação], no sentido de um projeto ardiloso, bem concebido, de modo a alcançar o fim proposto (Spinelli: 2007:193, n. 8)”. Considerando-se ainda que alternativa V, mesmo que se apresente como “a mais próxima da





Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

correção” do que a IV, embora falte nesta última a referência à maiêutica, foi a mais próxima da verdade que encontrei eu a aceitei como correta. Em função disso, sugiro a anulação da questão.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 567

Inscrição: 0703771

Candidato: THIAGO CRUZ DA SILVA

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 20:16:45

Questão: 4

Bibliografia: BLACKBURN, Simon. Oxford Dictionary of Philosophy. Oxford University Press, New York, 2008. MORA, J.

RECURSO:

A fim de mostrar que a afirmativa I da questão 4 é verdadeira, contrariamente ao que é afirmado no gabarito da prova, seguem as seguintes considerações que visam a anular a referida questão:

1. Platão e seus diálogos são uma fonte digna de ser levada em conta quando se trata de fazer afirmações sobre o Sócrates histórico, pois:

Segundo o verbete “Socrates” da Stanford Encyclopedia of Philosophy, “o problema Socrático é um ninho de ratos de complexidades surgidas do fato de que várias pessoas escreveram sobre Sócrates cujas explicações diferem em aspectos cruciais, deixando-nos admirados se houver uma representação precisa do Sócrates histórico”. De acordo com a referida enciclopédia, as tentativas de solucionar o problema de interpretação do Sócrates histórico restaram ineficazes. Ponto sobre o qual há unanimidade segundo os intérpretes, contudo, é a ideia segundo a qual Platão, Xenofonte e Aristófanos são as fontes mais próximas e, portanto, confiáveis, nesse contexto. [Fonte: <http://plato.stanford.edu/entries/socrates/index.html>]

O mesmo é afirmado na edição da coleção Os Pensadores que leva o nome “Sócrates”. Nela, o editor dedica uma nota a explicar o problema de que estamos nos ocupando (a saber, as fontes disponíveis para o conhecimento do Sócrates histórico), além de, em um livro dedicado à filosofia socrática, optar por apresentar textos de Platão, Xenofonte e Aristófanos. [Página 25]

Ademais, segundo o Oxford Dictionary of Philosophy, “O Sócrates histórico não pode ser facilmente separado do caráter platônico, visto que há poucas outras fontes para a vida e doutrina de Sócrates (Xenofonte é uma delas).” [página 342].

2. Dando por estabelecida a autoridade dos diálogos platônicos como fonte de conhecimento do Sócrates histórico, vejamos o seguinte. Em pelo menos três de seus diálogos, todos eles de notável importância dentro do conjunto da obra, Platão apresenta Sócrates como alguém que “parte constantemente da afirmação de não-saber, pondo-se diante do interlocutor do diálogo na posição de quem tem tudo a aprender, mais do que na posição de quem tem a ensinar” (exatamente o conteúdo da afirmativa I da questão 4). São eles Teeteto, A República, Apologia de Sócrates.

No Teeteto, numa passagem em que Sócrates explica ao jovem cujo nome dá título à obra em que consiste a sua arte de trazer à luz os conhecimentos do interlocutor, lê-se:

“A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. (...) Neste particular, sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade e censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. E a razão é a seguinte: a divindade me incita a



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

partejar os outros, porém me impede de conceber. Por isso mesmo, não sou sábio, não havendo um só pensamento que eu possa apresentar como tendo sido invenção de minha alma e por ela dado à luz”  
[Página, 47 – Referência padrão: 150 b – c]

Na República, quando estava a entreter uma conversa com Polemarco, Sócrates sofre uma série de acusações feitas por Trasímaco, as quais repousam numa ironia sobre o modo socrático de proceder em discussões:

“Ora, Trasímaco tentara, repetidas vezes, enquanto falávamos, tomar parte na conversa, mas fora impedido por seus vizinhos que nos queriam ouvir até o fim (...). Polemarco e eu fomos tomados de pavor; mas Trasímaco, elevando a voz no meio do auditório, gritou: ‘Para que todo esse palavrório, Sócrates, e por que vos fazeis de parvos inclinando-vos alternadamente um perante o outro? Se queres realmente saber o que é o justo, não te limites a interrogar, e não empenhes o brio em refutar quem responde, mas, ao reconheceres que é mais fácil inquirir do que responder, responde tu mesmo e dizes como define a justiça’.”

Nesse momento, diante da resposta de Sócrates, que consiste em afirmar o caráter involuntário de qualquer erro que ele pudesse ter cometido ao longo da discussão, demandando antes compaixão do que ira por sua limitação:

“Trasímaco prorrompeu em riso sardônico: ‘Ó Hércules! Exclamou, ei-la, a habitual ironia de Sócrates! Eu já sabia e predissera a esses jovens que não quererias responder, que simularias ignorância, que tudo farias para não responder às perguntas que te fossem apresentadas!’.”

Trasímaco, então, exige de Sócrates um pagamento caso este venha a se instruir por meio de seu discurso. Diante da resposta de Sócrates, que dissera não ter dinheiro, e da garantia de pagamento feita por Glauco para a possível dívida de Sócrates, afirma Trasímaco:

“Percebo perfeitamente [vocês farão o pagamento em lugar de Sócrates] para que Sócrates se entregue à sua habitual ocupação, para que ele próprio não responda, mas depois que outrem responder, se apodere do argumento e o refute!”.

[A República, páginas 36 – 38. Referência padrão: 336 b a 337 e]

Por fim, vale lembrar o que é apresentado como um dos motivos da ira despertada contra Sócrates em alguns cidadãos atenienses que o condenaram, motivos que indicam o caráter de Sócrates em termos de sua atitude frente aos interlocutores segundo Platão, uma das principais fontes que chegaram até nós sobre a vida e a obra socrática, tal como anteriormente afirmado.

Diante da afirmação de que teria o oráculo de Delfos afirmado ser ele o mais sábio dos homens, Sócrates afirma:

“Vede agora por que razão vos conto isso: desejo fazer-vos conhecer onde nasceu a calúnia contra mim. Ouvida a resposta do oráculo, refleti deste modo: ‘Que quer dizer o Deus? O que esconde o enigma? Porque eu, por mim, não tenho consciência de ser sábio, nem pouco nem muito. Que quer dizer então o deus quando diz que sou o mais sábio dos homens? Certamente não mente, ele que não pode mentir’. E por longo tempo permaneci nesta incerteza, sem saber o que queria dizer o deus. Finalmente, contra a minha vontade pus-me a fazer pesquisas a esse respeito”.

Ao fazer a sua pesquisa, Sócrates teria descoberto que os homens que julgavam ser sábios na verdade não o eram:



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

“Concluí comigo mesmo que era mais sábio que aquele homem [um político ateniense], neste sentido, que nós ambos podíamos não saber nada de bom, nem de belo, mas aquele acreditava saber e não sabia, eu contrariamente, como não sabia, também não acreditava saber e pareceu-me que pelo menos, numa pequena coisa, fosse mais sábio que ele, isto é, porque não sei, nem mesmo creio sabê-lo”.

Assim, segundo a descrição do personagem Sócrates empreendida por Platão, temos a afirmação de acordo com a qual Sócrates mostrara-se disposto a aprender com seus interlocutores e que, pesquisa feita, teria descoberto sua ignorância. A consciência de “nada saber” fez de Sócrates, nos diálogos platônicos, um personagem com uma postura humilde, receptiva, de um bom ouvinte, que tem tudo a aprender e, no entanto, não tem nada a ensinar.

Em resumo, essas são as considerações em função das quais a questão 4, por tomar como falsa a afirmativa I, deve ser anulada.

#### Bibliografia

BLACKBURN, Simon. Oxford Dictionary of Philosophy. Oxford University Press, New York, 2008.  
MORA, J. Ferrater. Dicionário de Filosofia. Edições Loyola – São Paulo, 2004.  
OS PENSADORES. Sócrates. Editora Nova Cultural, 1996.  
OS PENSADORES. Platão. Editora Nova Cultural, 1996.  
PLATÃO. A República. Editora Perspectiva – São Paulo, 2012.  
PLATÃO. Teeteto. Editora Universitária UFPA – Belém, 2001.  
STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Socrates. In:  
<http://plato.stanford.edu/entries/socrates/index.html>

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 622

Inscrição: 4205459

Candidato: IGOR GONÇALVES DE JESUS

Campus: Osorio

Dt.Envio: 19/05/2015 23:39:07

Questão: 4

Bibliografia: PLATÃO. Apologia de Sócrates. Editora LPM, 2008. ARANHA, M. Filosofando. Ed. Moderna, 2013.

RECURSO:

Platão escreve em sua Apologia, na notação original do autor 21d, como Sócrates, num diálogo com o oráculo de Delfos, foi dito como o homem mais sábio na Grécia e o respondeu dizendo que se o assim fosse, era o mais ignorante, pois a única coisa que lhe era sabido, era de que nada sabia. E na referida questão, a alternativa que expõe essa ideia foi considerada errada. E a que diz que a ironia servia para a descoberta da "verdade interior", conceito amplamente negado em grande parte das obras de Platão, vide o Apologia de Sócrates, foi tomada como verdadeiro. Mesmo sabendo-se que para Platão, a verdade é uma ideia que independe do sujeito, logo do interior de alguém.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 358

Inscrição: 3004110

Candidato: GABRIEL HEIDRICH MEDEIROS

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 11:21:17

Questão: 5

Bibliografia: Reale, Giovanni História da filosofia : filosofia antiga, v. 1 | Giovanni Reale. Dario Antiseri

RECURSO:

é questionado aqui quais são os modos de conhecimento ligados ao eidos. conforme Na obra de Reale o conceito de eidos, só aparece no capítulo sobre aristóteles e é citado apenas uma vez na página 199. Deste modo a resposta correta poderia ser tanto a opção a como d.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Os modos de conhecimento, ligados a palavra eidos, são diferentes em Platão e Aristóteles, por uma razão semântica. Em Platão, eidos, enquanto sinônimo de ideia, designa a “forma inteligível”. Já em Aristóteles, designa o “conceito”. Desse modo, a intuição intelectual (*nóesis*), para Platão, representa o grau mais elevado do conhecimento, por ser o resultado de um ato intelectual que conhece a ideia, a forma imaterial de algo. E esta forma (ideia), somente pode ser conhecida pelo intelecto. Sinônimo de eidos, ideia, “com Platão, passa a significar: princípio geral de classificação dos seres, forma ideal concebida pelo pensamento. Com Aristóteles, *ideia* significa conceito abstrato diferente das coisas concretas”. (p. 499).

**REFERÊNCIA**

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. V. 1.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 390

Inscrição: 4202809

Candidato: SERGIO GUILHERME SANTOS PORTELLA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 19/05/2015 13:12:39

Questão: 7

Bibliografia: REALE, Giovanni. História da filosofia antiga: Platão e Aristóteles. Traduzido por Henrique Cláudio

RECURSO:

A questão 7 da prova de Filosofia, acerca da “lógica aristotélica”, segundo o gabarito de respostas, no tratante às afirmativas aí presentes, destas, deveria assentir como verdadeiras “apenas II, III e V”.

Considerar-se-ia falsa, portanto, a afirmativa I abaixo citada:

“Ocupa-se dos conteúdos pensados ou com os objetos referidos pelo pensamento.”

Visando demonstrar impróprio o falseamento da afirmação citada, a partir do termo “ocupa-se”: serão isoladamente tematizados os trechos “conteúdos pensados” (i) e “objetos referidos pelo pensamento” (ii):

(i) a afirmação de que a lógica aristotélica “ocupa-se dos conteúdos pensados” é a própria definição da demonstração científica como teoria dedutiva, como operada por Aristóteles em Primeiros e Segundos Analíticos: uma série de conhecimentos não-demonstrativos, devidamente encadeados, de modo a conduzir a verdade de instâncias pressupostas (premissas) para uma instância final (conclusão), compreendida esta enquanto objeto próprio da ciência [1]. Seria, assim, a ciência o processo resultante do encadeamento rigoroso de ideias formadas a partir de proposições equivalentes à realidade.

(ii) a afirmação de que a lógica aristotélica “ocupa-se” de “objetos referidos pelo pensamento” é a afirmação de que a lógica é “aplicada” a objetos, segundo uma matriz dedutiva, de modo a demonstrar pela linguagem a estrutura do mundo apreendida pela intuição. Pretender negar a pertinência desta nuance interpretativa em detrimento da leitura unívoca da anterior (i) descaracterizaria o papel da proposição enquanto sentença declarativa como modo específico da linguagem científica, um discurso de signos que nada simbolizam, um Aristóteles nominalista:

“A proposição constitui-se essencialmente pela composição ou divisão dos termos significantes isolados, implicando uma referência à existência. A proposição é, pois, um julgamento a respeito da existência do que é significado. Daí sua estrutura fundamental: “leigein tí katá tínos”, dizer algo a respeito de algo”.

[grifo do autor] (2)

A referência acima trazida pelo Prof. Manfredo, problematizada aqui como eficiência objetiva da linguagem lógica aristotélica, o “ou ti kata tínos” (De Anima 430b28), caso não se confirmasse, inviabilizaria a análise heideggeriana da apreensão pelo nous da realidade

“o objeto genuíno do nous é aquilo que ele apreende aneu logou, independentemente do modo em que se interpela [Ansprechens] algo em suas determinações-enquanto-quê [Als-Was-Bestimmungen][ou ti kata tínos]” [3]

De outra maneira, aqui importa a Heidegger justamente o ponto acerca do copertecimento entre nous e logos residir na apreensão do verdadeiro que, como marca característica da sua filosofia, é tido como acesso fenomenológico ao ente (aisthesis tis).

Assumidos os “conteúdos pensados” como o que explicita o método lógico, bem como o “objeto referido pelo pensamento” como aquilo do qual o método justamente se “ocupa”, sob risco de



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

assumirmos um nominalismo aristotélico, compreendemos a afirmativa I da questão acima citada como verdadeira, motivo suficiente à anulação da questão 7.

[1] “Uma dedução é uma locução em que, uma vez que certas coisas tenham sido supostas, algo distinto do que foi suposto resulta por necessidade, devido às suposições como tais.” (Primeiros Analíticos. I.2,24b18).

[2] ARAUJO DE OLIVEIRA, Manfredo. Reviravolta Linguístico-pragmática na Filosofia Contemporânea. Ed. Loyola, São Paulo, 1996, p. 30.

[3] HEIDEGGER, M. (1992). Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles (Anzeige der hermeneutischen Situation). Trad. de J.-F. Courtine. Mauvezin (FR): Trans-Europ-Repress. (Trabalho original publicado em 1989, p. 40).

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

**FUNDAMENTAÇÃO:**

A lógica aristotélica, por ser formal, não se ocupa com os conteúdos pensados ou com os objetos referidos pelo pensamento: “Não se referindo a nenhum ser, a nenhuma coisa, a nenhum objeto, a lógica não se refere a nenhum conteúdo, mas à forma ou às formas do pensamento ou às estruturas do raciocínio em vista de uma prova ou de uma demonstração”. (p. 357).

**REFERÊNCIA**

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. V. 1.





Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 445

Inscrição: 0703155

Candidato: FELIPE BRAGAGNOLO

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 15:34:22

Questão: 8

Bibliografia: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução do grego de Antonio de Caeiro - SP : Atlas, 2009.

RECURSO:

Na questão número oito, referente ao pensamento ético de Aristóteles, temos dois pontos que podem ser revistos:

1º. Na segunda afirmativa consta a seguinte frase: “Assim sendo, a felicidade (eudaimonia) é o fim ao qual conscientemente tendem todos os homens”. Segundo a obra *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, traduzida do grego pelo Prof. Antônio de Castro Caeiro, editora Atlas, não apresenta, no Livro I dedicado a felicidade, em nenhum momento a ideia de felicidade como um fim ao qual o ser humano “conscientemente” tende, ou seja, não parece existir uma relação direta entre os conceitos de felicidade e “consciência”, mas sim, de consciência e virtude. Ou seja, o ser humano consegue a felicidade mediante a virtude, que é precisamente uma atividade conforme à razão, isto é, uma atividade que pressupõe o conhecimento racional. Logo, o fim do homem é a felicidade, a que é necessária à virtude, e a esta é necessária a razão. A virtude se caracteriza por ser uma ação consciente segundo a razão, já a felicidade, num primeiro momento, não. Com isso, afirmar que “a felicidade é o fim ao qual conscientemente tendemos” anularia a teleologia que acompanha o universo e o indivíduo. Tendemos por natureza a esse fim último, não por consciência. “Conforme a ética aristotélica, conhecida como eudemonismo, as ações humanas tendem para o bem e o bem supremo é a felicidade. E esta significa a realização (o melhor de si), que é a sua natureza de ser racional” (ARANHA, 2009, p. 81). Ou ainda, “para Aristóteles, [...] o ser humano precisa esforçar-se para realizar aquilo que lhe é dado pela natureza como potência (possibilidade de ser)” (COTRIM, 2011, p. 21).

2º. Outra objeção que faço sobre essa questão está em sua quarta afirmativa, que apresenta a seguinte afirmação: “[...] o nosso objetivo principal que é a felicidade (eudaimonia), ou a realização pessoal”. Utilizar o conceito de felicidade como sinônimo de realização pessoal, sem maiores explicações, em Aristóteles, parece ser um tanto quanto limitado, pois a felicidade também envolve o indivíduo enquanto sujeito político, que pertence a uma pólis (cidade-Estado grega). Parece assim, existir um certo reducionismo do termo nessa afirmativa, levando o leitor a desconfiar da veracidade da questão (ARANHA, 2009, p. 292).

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

1 Toda ética pressupõe, por parte do ser humano, um “agir consciente”, deliberado, racionalizado. Desse modo, é essencial a relação entre felicidade e consciência, na ética aristotélica, como a evidência Reale: “(...) a felicidade é o fim ao qual conscientemente tendem todos os homens”. (p.407). Além disso, toda a ética aristotélica pressupõe e requer que, a racionalidade da práxis humana, de acordo com a sua



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

teleologia, em vista do bem supremo, a felicidade, seja atualizada de forma consciente, planejada e executada.

2 No contexto geral da ética aristotélica, sob o qual se fundamenta a questão, a felicidade enquanto “realização pessoal” pressupõe um vínculo político. Sem essa realização pessoal, essa possibilidade de agir de forma consciente, sendo capaz de racionalizar os desejos pela atitude da prudência, por meio do hábito, da virtude ou excelência, a pessoa não estaria qualificada para atuar na polis, para ajudar a governar como cidadão, visando a justiça e a felicidade de seus concidadãos. Enfim, para atuar na pólis, requer um cidadão virtuoso, feliz, equilibrado, realizado, moderado, justo, instruído, com o domínio de si. Sem essas e outras excelências o cidadão teria muitas dificuldades para trabalhar para o bem da cidade.

#### **REFERÊNCIA**

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**: Platão e Aristóteles. Traduzido por Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994. v. 2



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 88

Inscrição: 0702768

Candidato: CRISTIANO EDUARDO WENDT

Campus: Caxias

Dt.Envio: 18/05/2015 12:38:52

Questão: 9

Bibliografia: "Política" Aristóteles

RECURSO:

A questão número 09 apresenta a assertiva "IV" como correta, entretanto, Aristóteles não utiliza o conceito de POLITÍA e sim o de POLITÉIA, para designar o governo da maioria. Assim sendo, a resposta correta é a letra A.

att,

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Alterado o gabarito da alternativa **B** para a alternativa **A**.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 488

Inscrição: 4202809

Candidato: SERGIO GUILHERME SANTOS PORTELLA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 19/05/2015 17:33:32

Questão: 9

Bibliografia: AUDI, Robert. The Cambridge dictionary of philosophy. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1

RECURSO:

A questão 9 da prova de Filosofia, acerca da “política de Aristóteles”, segundo o gabarito de respostas no tratante às afirmativas aí presentes, destas, deveria assentir como verdadeiras “apenas I, II e IV”.

Considerar-se-ia verdadeira, portanto, a afirmativa IV abaixo citada:

“Existem três formas básicas de governo correto: o governo de um só – Monarquia; o governo de um pequeno grupo - Aristocracia; e o governo da maioria – Política.”

Partindo do pleno acordo à divisão acima condizer ao pensamento aristotélico, detemo-nos à nomenclatura dada a cada forma de governo, em específico, àquela própria à terceira forma, indicada pelo termo “Polítia”. Julgamos, pelos motivos abaixo, impróprio seu uso na presente elaboração da prova, o que torna falsa a afirmativa IV da questão 9 que, assim, deve ser anulada.

(A) A presença do termo “Polítia”, supostamente um termo da língua grega, implica uma mudança no estilo de redação da "alternativa IV", que bem se valeu dos conceitos “Monarquia” e “Aristocracia” nas definições anteriores, mas dispensou o conceito “República” na referida definição.

(B) Argumentaria-se pela plausibilidade em usar o termo equivalente grego para “República”, dada a afinidade da filosofia a esta cultura. Contudo, (a) questiona-se o fato da habilidade à língua não condizer com a habilitação específica requerida ao cargo ao qual dirige-se o presente concurso público; ou, sob o risco do proselitismo, a admissão desta erudição igualmente acordaria com ao uso de “Vernunft” como "razão", ou “selbstbewusstsein” como "autoconsciência", ao tratar da filosofia kantiana. (b) caso considerado próprio à formação fundamental do filósofo o conhecimento da expressão grega equivalente ao conceito aristotélico de República, questionaria-se pelo uso do termo “Polítia” e não do conceito convencionalizado pela tradição de “Politéia” (Πολιτεία). Ora, a transliteração apresentada por "Polítia" é, no mínimo, equívoca, visto excluir o caractere "Ita" (responsável pela pronúncia de "PoliÉia", como equivalente ao E átono do português).

Dada a ausência de qualquer indicação na questão acerca de uma bibliografia que fixasse a resposta, cabe investigar se o uso do termo seria consensual para os autores indicados:

(C) Do uso pelas bibliografias indicadas pelo edital do equivalente em língua grega ao conceito de “República” ou do conceito referente à forma de governo própria ao “governo da maioria”. Observamos que o estudo da bibliografia indicada não apresentou um uso estável da terminologia, aceitando uma diversidade de termos que mesmo colidem (como no caso de considerar a "democracia" como governo da maioria ou mesmo como sua degeneração).

(1) ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia (São Paulo: Martins Fontes, 2003, no verbete "Formas de governo"):

De modo mais sistemático, em O Político, Platão distinguiu três formas de regime político: G. de um só, G.de poucos e G. de muitos; essas formas, segundo sejam regidas por leis ou desprovidas de leis, motivam, respectivamente, o G. régio ou tirania, a aristocracia ou oligarquia e as duas formas da democracia, a regida por leis é a demagógica (Pol., 291). Essa classificação foi repetida por Aristóteles



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

(Pol., III, 7, 1279 a 27), que, no entanto, alude a outra divisão, na qual as formas fundamentais seriam duas: "DEMOCRACIA, quando os livres governam, e oligarquia, quando os ricos governam e, em geral, os livres são muitos e os ricos poucos"

(Ibid., IV, 4, 1290b, I):classificação que seria simétrica a outras classificações diádicas, cuja autoria Aristóteles declara. [grifo nosso]

(2) AUDI, Robert. The Cambridge dictionary of philosophy (2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 51): "Aristotle produced a complex taxonomy of constitutions but reduced them, in effect, to three kinds: monarchy, aristocracy, and DEMOCRACY".

(3) CHAUI, M. de S. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1994, p. 496:

"Presença ou ausência da lei, variação econômica e militar determinam, segundo Platão e Aristóteles, a corrupção ou decadência dos regimes políticos: a monarquia degenera em tirania, quando um só governa para servir aos seus interesses pessoais; a aristocracia degenera em oligarquia dos muito ricos – plutocracia – ou dos guerreiros – timocracia -, que também governam apenas em seu interesse próprio; a DEMOCRACIA degenera em demagogia e esta, em anarquia."

(4) CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emilio. Ética. São Paulo: Loyola, 2005: não fazem referência ao tema.

(5) MARCONDES, Danilo. Textos básicos de ética: de Platão a Foucault. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.: não faz referência ao tema.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Alterado o gabarito da alternativa **B** para a alternativa **A**.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 30

Inscrição: 0705593

Candidato: ADAIR ADAMS

Campus: Caxias

Dt.Envio: 18/05/2015 10:24:25

Questão: 10

Bibliografia: REALE, Giovanni. História da Filosofia 2, Patrística e Escolástica. São Paulo: Paulus. 2003

RECURSO:

As relações da razão para com a Fé em Santo Agostinho são de precedência e autoridade. Então, a resposta certa seria a opção b) da prova, precedência e superioridade, ou então nenhuma está correta. Mas, não é uma relação de precedência e consequência como o gabarito apresenta como certa.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 87

Inscrição: 4205017

Candidato: KATHLEN LUANA DE OLIVEIRA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 18/05/2015 12:33:46

Questão: 10

Bibliografia: REALE, G., ANTISERI, A. História da filosofia. VOLUME 2 - p. 88.

RECURSO:

A relação entre fé e razão colocada na questão é contra a obra de Agostinho. Se a relação entre razão e fé é de consequência - se está afirmando a possibilidade de a razão ser produto da fé ou o mesmo de a fé ser "produto da razão", consequência da razão - algo impossível ao pensamento de Agostinho como um todo (escritas sobre Graça).

Segundo Reale (2003, p. 88, v.2), a definição é de forma circular, complementar, afirmando que a fé é um pré-conhecimento em relação à razão, mas a razão depois pode transpor criticamente as verdades de fé (Nenhuma resposta à essa questão indica essa relação). A questão coloca a expressão latina, porém as respostas indicam contradição com o pensamento agostiniano, considerando a fé como elemento sem razão. A fé em si possui um cogitare cum assensione - modo de pensar assentido, por isso a relação não seria de um "antes" da razão, nem uma relação de consequência da "razão" nem "depois" - mas em si, a fé possui um elemento racional que estimula a inteligência e, a razão transpõe as verdades de fé. Há uma complementariedade e não uma relação de consequência no pensamento agostiniano.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 299

Inscrição: 3004925

Candidato: MAURÍCIO MEDEIROS VIEIRA

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 01:50:22

Questão: 10

Bibliografia: REALE, G.; ANTISERI, D. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. 6. ed. São Paulo: Paulus,

RECURSO:

Na página 434 a 437 da obra de Reale especificamente no 2.2 Filosofar na fé - o autor deixa claro que há um complemento entre razão e fé, ou seja, uma exige a outra através exemplificado através do trocadilho com a passagem do livro de Isaías "se não tiverdes a fé, não podereis entender" e Agostinho diz:"a inteligência é recompensa da fé". Depois de uma demonstração do pensamento agostiniano sobre o tema em obras como A verdadeira religião e a Trindade, conclui o autor: ..."o homem deve ser inteligente para buscar a Deus" (o que sugere Antecedência e não precedência como está na resposta do gabarito,ou seja, primeiro se obtém a razão "entender" para depois a fé "para crer". Após, mais abaixo ele conclui com a compatibilidade entre ambas (justificando o "crer para entender" e o "entender para crer"). Logo, acredito que a questão 10 não ficou clara o suficiente e suas respostas não correspondem na íntegra o real pensamento de Agostinho sobre a questão.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.





Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 541

Inscrição: 3005237

Candidato: ARNILDO POMMER

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 19:07:58

Questão: 10

Bibliografia: REALE, G.; ANTISERI, D. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. 6. ed. São Paulo: Paulus,

RECURSO:

10. Para Santo Agostinho, é preciso compreender para crer e crer para compreender (Intellige ut credas, crede ut intelligas). Isso evidencia que a razão humana se relaciona duplamente com a fé, numa ordem de:

- a) Igualdade e consequência.
- b) Precedência e superioridade.
- c) Precedência e consequência.
- d) Antecedência e superioridade.
- e) Precedência e igualdade.

Argumentação. A proposição de Agostinho, da forma como está expressa na questão, é de reciprocidade entre razão e fé (compreender para crer e crer para compreender). Ora, uma relação de reciprocidade implica uma relação de igualdade mesmo que isso possa ter sido tomado, pela tradição, de modo diferente. Consequentemente, não se pode concluir com a afirmação que está presente na questão: “Isso evidencia que a razão humana se relaciona duplamente com a fé, numa ordem de”, simplesmente porque não há, na proposição citada, a possibilidade desta evidência. Trata-se, pois, de uma afirmação que não pode ser inferida ou deduzida da precedente. Em função disso, parece-me que a resposta certa seria a alternativa “a” – “igualdade e consequência”, mesmo que na tradição se afirme que a relação seja de precedência e consequência. Porém, nem tudo o que se afirma na tradição pode ser aceito como correto, pois se fosse “Precedência e consequência” não haveria reciprocidade e sim hierarquia: a razão seria duplamente inferior à fé. Isso não evidencia, igualmente, que a razão se relacione duplamente com a fé, pois pode ser também que a fé se relacione duplamente com a razão.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 45

Inscrição: 0704018

Candidato: JOÃO EDUARDO NAVACHI DA SILVEIRA

Campus: Caxias

Dt.Envio: 18/05/2015 10:58:14

Questão: 17

Bibliografia: ROUSSEAU, J. J. O contrato social.

RECURSO:

Por gentileza, solicito a análise da forma como a questão 17 foi construída. Mesmo sabendo que Rousseau é um dos precursores da democracia e uma influência importante para a revolução francesa, o recorte do texto não deixa claro se Rousseau se refere à democracia ou à monarquia. Ao iniciar o recorte na passagem "[...] Soberano pode," o leitor fica na dúvida se o autor está realizando uma prescrição ao rei (e neste sentido Rousseau se referiria ao monarca da época e, portanto, à monarquia), ou se se refere à democracia. O que procuro evidenciar é que a questão está ambígua. É claro que conheço a obra de Rousseau, seu conceito de vontade geral, e como disse, a importância do autor para democracia. No entanto, o recorte abre margens para se pensar que Rousseau estaria realizando uma espécie de prescrição ou advertência ao soberano da época, no caso, o rei, explicando a este a legitimidade do governo democrático. Obrigado.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Conforme pedido de recurso, a questão 17 foi analisada. Como o próprio recurso reconhece, Rousseau (2012) é um filósofo importante para democracia. Ele defende a democracia, a organização política estabelecida por meio de assembleias e frequentes decisões tomadas por todos os cidadãos (ARANHA; MARTINS, 2013).

A questão é clara ao questionar pela definição à que se refere uma citação de Rousseau (2012), que em sua própria continuidade, apresenta-a como sendo a própria definição de democracia. Isso se pode ler no final do segundo parágrafo do capítulo III, intitulado Divisão dos Governos, do terceiro livro de *O Contrato Social*.

Nas palavras do próprio autor, “o Soberano pode, em primeiro lugar, confiar o Governo a todo o povo ou à maior parte do povo, de modo que haja mais cidadãos magistrados do que simples cidadãos individuais. **A essa forma de Governo dá-se o nome de Democracia**”. (ROUSSEAU, 2012, p. 79, grifos nossos).

Desse modo, obtém-se a confirmação de tal definição referir-se a democracia e não a teocracia, ou a sofocracia, ou outra forma de poder, na continuidade do próprio texto do autor em questão.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 429

Inscrição: 0704989

Candidato: KAREN GIOVANA VIDELA DA CUNHA NAIDON

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 15:14:31

Questão: 20

Bibliografia: Grier, Michelle, Kant's Doctrine of Transcendental Illusion, Cambridge: Cambridge University Press,

RECURSO:

A questão 20, ao tratar das antinomias da razão, trata da Dialética Transcendental de Kant. Segundo as palavras do renomado estudioso da filosofia de Kant, Hans Christian Klotz, professor da UFG (Brasil), "O projeto kantiano de uma "Dialética Transcendental" baseia-se na tese de que há ilusões cuja origem é a própria razão. Essa tese implica a necessidade dupla de criticar os erros oriundos dessas ilusões e de demonstrar sua origem na razão. Portanto, a intenção de Kant na Dialética Transcendental não é apenas a de destruir a "metafísica transcendente", mas também a de reconstruir sua gênese racional. Com isso, Kant criou uma nova concepção de crítica filosófica e, ao mesmo tempo, aprofundou o conceito de razão." (Programa da disciplina 'A Dialética Transcendental de Kant', ministrada junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFG no ano de 2013)

A partir da explicação acima do que seja a Dialética Transcendental, pode-se perceber que, a questão 20, ao tratar desse tema, aborda um conteúdo não previsto no edital do concurso. No item Conteúdo Programático da prova de Filosofia, os únicos tópicos que tratavam da filosofia de Kant foram: "Kant e a Revolução Copernicana"; "A moral Kantiana". "A estética segundo Kant". Não há, portanto, a previsão expressa do tema Dialética Transcendental de Kant. Tampouco pode esse tema ser subsumido a qualquer um dos três temas sobre Kant previstos no edital.

Embora os diferentes temas tratados por um mesmo filósofo possam estar estreitamente relacionados entre si, como é comum ocorrer, não é exigível que os candidatos tenham de estar preparados para responder questões não estritamente incluídas nos tópicos previstos no edital quanto este elenca tópicos bastante específicos, como foi o caso do presente concurso. Sendo assim, apresenta-se este recurso para solicitar a anulação da questão 20 com base no fato de que ela aborda tema não previsto no edital do concurso.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

É consenso de que a Revolução Copernicana, tema previsto no edital do concurso, esteja exposta na obra da Crítica da Razão Pura. O próprio Kant (1989, p. 20) faz uma comparação de seu novo sistema filosófico com a "ideia de Copérnico" no prefácio da segunda edição daquela obra. E, continua aquela mesma citação supracitada, lembrando o feito de que: Copérnico "(...) não podendo prosseguir na explicação dos movimentos celestes enquanto admitia que toda a multidão de estrelas se movia em torno do espectador, tentou se não daria melhor resultado fazer antes girar o espectador e deixar os astros imóveis. Ora, na metafísica, pode-se tentar o mesmo".

É evidente a analogia de Kant a Copérnico na procura pela resolubilidade das questões da metafísica, como ele mesmo aclarou. (KANT, 1989, p. 20). E, duma metafísica que ingavelmente



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

também analisa os “problemas inevitáveis da própria razão pura.” (KANT, 1989, p. 40). Ora, a análise das condições de possibilidade da metafísica também fez parte deste notório sistema filosófico de Kant, por ele comparado a Copérnico, expostas na volumosa *Crítica da Razão Pura*. Como bem sabemos a *Crítica da Razão Pura* não apenas é composta pela *Estética Transcendental* e *Analítica Transcendental*, mas também pela *Dialética Transcendental*. Não nos esqueçamos, que na *Dialética Transcendental*, Kant (1989) também apresenta os princípios regulativos e constitutivos da razão. E, de que o Filósofo, soluciona a terceira antinomia de modo distinto das demais. E, há nela uma preocupação com uma arquitetônica da razão. Uma razão que, além de um uso puro, possui um uso prático. O próprio prefácio da *Crítica da Razão Prática*, obra também presente no edital e conteúdos deste certame, faz referência a essa antinomia em questão.

Por fim, o próprio Reale (1990), ao expor a revolução copernicana realizada por Kant também faz referência a análise dos *juízos sintéticos a priori* da metafísica como fazendo parte da mesma. E, essa, não é exposta na *Estética Transcendental*, ou *Analítica Transcendental*, mas na *Dialética Transcendental*. Logo, conclui-se que a mesma também se relaciona com a temática exposta pelo certame.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 542

Inscrição: 3005237

Candidato: ARNILDO POMMER

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 19:09:37

Questão: 20

Bibliografia: Kant, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Os Pensadores, 1983.

RECURSO:

20. Na *Dialética Transcendental*, Kant (2001, p. 406-7) apresenta uma série de antinomias. As antinomias são expostas por uma tese e uma antítese. Numa delas, a tese afirma: “A causalidade segundo as leis da natureza não é a única de onde podem ser derivados os fenômenos do mundo no seu conjunto. Há ainda uma causalidade da liberdade que é necessário admitir para os explicar.” Já sua antítese expõe que: “Não há liberdade, mas tudo no mundo acontece unicamente em virtude das leis da natureza”. De qual antinomia a citação está fazendo referência?

- a) Primeira antinomia.
- b) Quinta antinomia.
- c) Quarta antinomia.
- d) Terceira antinomia.
- e) Segunda antinomia.

Argumentação. O escopo desta prova é a contratação de professores de filosofia. Supõe-se que um candidato a professor de filosofia tenha aprendido a filosofar. E isso de acordo com o que Kant explica na *Crítica da Razão Pura* ao considerar, no Capítulo Terceiro da Doutrina Transcendental do Método, a *Arquitetônica da Razão Pura*. Assim sem expressa Kant:

“A Filosofia é, pois, o sistema de todo o conhecimento filosófico. É necessário tomá-la objetivamente caso se compreenda por Filosofia o arquétipo para se julgar todas as tentativas de filosofar; este arquétipo deve servir para julgar toda a filosofia subjetiva, cujo edifício é frequentemente tão diversificado e tão mutável. Deste modo, a filosofia é uma simples ideia de uma ciência possível que não é dada em parte alguma; seguindo diversos caminhos, procuramos avizinhar-nos desta ideia até descobrirmos a única senda, bastante obstruída pela sensibilidade, e conseguirmos no arquétipo igualar, tanto quanto seja dado a seres humanos, a cópia até então defeituosa. Até então não é possível aprender qualquer filosofia; pois onde esta se encontra, quem a possui e segundo quais características se pode reconhecê-la? Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os” (*Crítica da Razão Pura*, p. 407-408, Edição Os Pensadores, 1983).

Ora, considerando-se o acima exposto, a questão de número 20 parece propor exatamente o contrário, pois pede que se decore uma tábua de antinomias, em vez de se conhecer e compreender o que significam as antinomias da razão. Consequentemente, esta questão deveria ser anulada, pois ela depõe contra o procedimento de “aprender a filosofar” proposto por Kant.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

**FUNDAMENTAÇÃO:**

O presente recurso não tem relação com o conteúdo da questão número 20. A presente questão é objetiva, pois a natureza dessa fase do concurso assim o exige. Logo, a questão não é dissertativa. E, não sendo subjetiva ou dissertativa, mas objetiva, como se atesta na *Crítica da Razão Pura* de Kant, obra presente nas referências do edital deste certame, a alternativa correta é que já se divulgou no gabarito do concurso. A questão referia-se a terceira antinomia.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 401

Inscrição: 4206045

Candidato: MAURÍCIO TAVARES PEREIRA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 19/05/2015 13:32:45

Questão: 21

Bibliografia: ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 4 ed., São paulo: Martins Fontes,2000.

RECURSO:

Solicito a anulação da questão 21, pois a data da obra citada do Kant esta incorreta, não é 1960 como está na prova.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

A citação e a referência da obra não foram retiradas do livro do Abbagnano (2000), mas do próprio livro de Kant (1960) que está nas próprias referências do edital deste certame, a saber: KANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. Lisboa: Edições 70, 1960. Assim sendo, indefere-se o presente pedido.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 110

Inscrição: 4205017

Candidato: KATHLEN LUANA DE OLIVEIRA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 18/05/2015 13:55:04

Questão: 22

Bibliografia: REALE, G., ANTISERI, A. História da filosofia. VOLUME 5 - p. 291-292.

RECURSO:

A afirmação IV considerada errada, pode ser vista nas explicações de Reale (2005, p.292-295) indica que é preciso desenvolver a física social, pois "não se podem resolver crises sociais e políticas sem o devido conhecimento dos fatos sociais e políticos" (p. 292). Assim, "para passar de uma sociedade em crise para a "ordem social", há a necessidade de saber. O conhecimento é feito de leis provadas com base nos fatos. Desse modo é preciso encontrar as leis da sociedade se quisermos resolver suas crises e prever o desenvolvimento futuro da convivência social". (REALE, 2005, p. 294). Nessa lógica, a compreensão das leis dos fenômenos sociais serve ao propósito do progresso. A sociologia ou física social (estática e dinâmica) preocupa-se em "como a física pode estabelecer leis QUE GUIAM os fenômenos sociais" (REALE, 2005, p. 294). E como Comte, considera o 3 estágio, o melhor, a finalidade para a qual se precisa chegar (individual e socialmente) resolvendo problemas e crises (atinge todos, do ponto de vista positivista, é benéfico). Assim, a afirmação IV está correta. E o gabarito divulgado exclui a afirmação IV como correta.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

O estado positivo não é um fim. Entenda-se fim como construções finalísticas. À física social não compete determinar o fim para o qual a sociedade tende, mas determinar as suas leis gerais e modificá-las no sentido de produzir benefício para a sociedade em geral. O fim é característico das metafísicas e não do estágio positivo: "é no estágio positivo que o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter conhecimentos absolutos, renuncia a perguntar-se qual seja a origem e o destino do universo..." (COMTE *apud* REALE, 2005 pág 292).





Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 262

Inscrição: 0705893

Candidato: JADERSON BORGES LESSA

Campus: Caxias

Dt.Envio: 18/05/2015 23:07:19

Questão: 22

Bibliografia: Auguste, Comte. Curso de Filosofia Positiva. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril, 1978.

RECURSO:

A questão 22 tem como correta a afirmativa II. Tal afirmativa diz que "A lei geral da estática social... é a conexão entre os diversos aspectos da vida social."

Apesar do que se estabeleceu, porém, a lei da estática social NÃO é uma "conexão". (Assim, a afirmativa II estaria incorreta).

A palavra "conexão" pressupõe assim que exista uma ligação ou união. Porém, a lei da estática social é uma lei que "analisa", isto é, que "examina" ("estuda", "descreve", etc.) os diversos aspectos da sociedade e mas não "conecta" esses aspectos.

Ou seja, embora se poderia dizer que a lei da estática social estuda as forças que mantem a sociedade unida, ela não faz essa união, ou seja, não faz essa "conexão". Em outras palavras, apenas "examina" os aspectos da vida social.

Além da fonte bibliográfica de Comte, recorre-se também ao Dicionário de Filosofia de Cambridge (p. 167)

Sendo assim, diante dessa interpretação, a resposta da questão 22 não pode ser a alternativa "c" como se estabeleceu no gabarito da prova, pois tal afirmativa II está incorreta. Portanto, meu pedido é que sejam avaliadas as ponderações aqui apresentadas. Nesse caso, meu pedido é que a questão deveria ser anulada uma vez que não há uma alternativa restante que corresponda as afirmativas corretas (I e II).

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

“A lei fundamental da estática social é a conexão entre os diversos aspectos da vida social...” (REALE, 2005 pág 294). Conceba-se a conexão entre os diversos aspectos da vida social: trata-se de uma conexão que obedece a uma lei. Há uma diferença em asseverar que a lei conecta aspectos (o que não está dito na oração) e dizer que a lei é a conexão dos aspectos, que é o que está dito na asserção. O Recurso fundamenta-se em um equívoco de interpretação.

Há outra confusão: a física social 'examina' os diversos aspectos da sociedade, mas a lei fundamental expressa conceitualmente a conexão entre tais aspectos. A estática social descobre, como queria Comte, aspectos da realidade social de modo correlativo às descobertas de Newton no campo da Física.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 407

Inscrição: 4206045

Candidato: MAURÍCIO TAVARES PEREIRA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 19/05/2015 14:11:13

Questão: 22

Bibliografia: ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 4 ed., São paulo: Martins Fontes,2000.

RECURSO:

Solicito a anulação da questão número 22, visto que esta questão esta mal elabora e com incorreções. O item IV é Correto e não incorreto como consta no gabarito preliminar. Visto que a física de Comte visava sim compreender e modificar os fenômenos socais em benefícios da sociedade. E este objetivo tem um fim que seria alcançar o estado "positivo" da sociedade, cristalizada na sua máxima:"O amor por princípio, a ordem por meio e o progresso por fim.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

O estado positivo não é um fim. Entenda-se fim como construções finalísticas. À física social não compete determinar o fim para o qual a sociedade tende, mas determinar as suas leis gerais e modificá-las no sentido de produzir benefício para a sociedade em geral. O fim é característico das metafísicas e não do estágio positivo: “é no estágio positivo que o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter conhecimentos absolutos, renuncia a perguntar-se qual seja a origem e o destino do universo...” (COMTE *apud* REALE, 2005 pág 292).



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 417

Inscrição: 0704989

Candidato: KAREN GIOVANA VIDELA DA CUNHA NAIDON

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 14:47:40

Questão: 22

Bibliografia: Bourdeau, Michel, "Auguste Comte", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2014 Edition),

RECURSO:

Na questão 22, a afirmativa IV deve ser considerada verdadeira, ao contrário do que indica o gabarito, que prevê como resposta correta a alternativa C, que não elenca IV entre as afirmativas corretas.

Augusto Comte percebe uma crise em sua sociedade e sua física social tem como um de seus objetivos sanar essa crise. Em função disso, ela não constitui apenas uma disciplina teórica que visa compreender os fenômenos sociais, como costumeiramente pode-se entender a sociologia; Comte pretendia que ela fosse também uma forma de solucionar a crise instalada em sua sociedade. Para tanto, a física social teria também de modificar os fenômenos sociais, objetivando chegar ao estado positivo, o qual beneficiaria a sociedade em geral.

Em sendo verdadeira a afirmativa IV, então requer-se, por meio deste recurso, que o gabarito da questão seja retificado, alterando-se a resposta da questão da alternativa C para a alternativa E, visto que a alternativa C afirma que são corretas apenas as afirmativas I, II e III.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

O estado positivo não é um fim. Entenda-se fim como construções finalísticas. À física social não compete determinar o fim para o qual a sociedade tende, mas determinar as suas leis gerais e modificá-las no sentido de produzir benefício para a sociedade em geral. O fim é característico das metafísicas e não do estágio positivo: “é no estágio positivo que o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter conhecimentos absolutos, renuncia a perguntar-se qual seja a origem e o destino do universo...” (COMTE *apud* REALE, 2005 pág 292).



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 428

Inscrição: 4202809

Candidato: SERGIO GUILHERME SANTOS PORTELLA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 19/05/2015 15:13:04

Questão: 22

Bibliografia: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia: do romantismo ao empiriocriticismo. Trad. I

RECURSO:

A questão 22 da prova de Filosofia, acerca do “Curso de Filosofia Positiva” de Augusto Comte, segundo o gabarito de respostas, no tratante às afirmativas aí presentes, destas, deveria assentir como verdadeiras “apenas I, II e III”. Considerar-se-ia falsa, portanto, a afirmativa IV abaixo citada:

“À física social compete compreender os fenômenos sociais e modificá-los em benefício da sociedade em geral, sendo o estado positivo, para onde essa modificação tem lugar ou para onde ela conduz, um itinerário e um fim”

Considerando impróprio o falseamento da afirmação acima, serão isoladamente tematizados os trechos “À física social compete compreender os fenômenos sociais e modificá-los em benefício da sociedade em geral” (i) e “sendo o estado positivo, para onde essa modificação tem lugar ou para onde ela conduz, um itinerário e um fim” (ii):

(i) O presente argumento afirma a competência da física social à compreensão e regulação dos fenômenos sociais em prol do benefício comunitário. Por “física social”, compreendemos “a ciência que se ocupa com o estudo dos fenômenos sociais considerados à mesma luz dos elementos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos, ou seja, como estando sujeitos a leis naturais e invariáveis, cuja descoberta é o objetivo especial de suas pesquisas” [1].

Cabe, assim, questionar se à física social igualmente “compete” tratar das modificações destes fenômenos “em benefício da sociedade em geral”. Ora, Comte compreende o homem como um ser naturalmente voltado ao egoísmo: dez instintos afetivos, sete egoístas e três altruístas, isto é, uns voltados para a conservação direta do próprio indivíduo e outros relativos ao relacionamento com outros [2]. Portanto, as instituições sociais existem, por um lado, para satisfazer as necessidades humanas por meio do desenvolvimento técnico e, por outro, para regular o egoísmo dos indivíduos. Aliás: esse é, precisamente, o papel do governo nas sociedades [3].

Mas, veja-se, os governos agem segundo os princípios do pensamento positivo.

“Ora, tal é a destinação geral própria à força de coesão social designada em todos os lugares sob o nome de governo, que ao mesmo tempo conter e dirigir. A admirável concepção de Aristóteles institui então uma luminosa combinação entre os dois elementos necessários de todo pensamento político, a sociedade e o governo” [4].

Mostra-se, portanto, equívoco negar a competência da física social à regulação do fenômeno social espontâneo cujos efeitos contrariam o interesse coletivo.

“deve sem cessar conter as suas divergências e desenvolver as suas convergências. Por outro lado, este poder indispensável surge naturalmente das desigualdades que sempre suscita a evolução humana.” [5]

(ii) A afirmação de que “sendo o estado positivo, para onde essa modificação tem lugar ou para onde ela conduz, um itinerário e um fim”, por sua vez, parte da visão de que o fenômeno social decorrente da modificação empreendida seja compatível com a natureza humana, condicionável ao homem, para, assim, constituir um “estado positivo” regular, portanto, observável e constante enquanto fonte de conhecimento previsível (seguro) que subsidiará as ações do governo. Ora, a negação desta afirmação



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

inviabilizaria a noção de progresso social como decorrente da tensão histórica das sociedades concretas, fixando a Comte a visão de uma espécie de inatismo comportamental como motor de relações sociais mecanicistas. Ou seja, tomada a ambivalência moral da natureza humana, a intervenção pelo governo se faz necessária, o que não descaracteriza a admissão de “estados positivos” posteriores aptos e desejados pelo pensamento positivista, seu “itinerário” e seu “fim”, mas que justamente definiriam este pensamento enquanto “sociologia dinâmica” [6]. Em suma, questiona-se aqui a capacidade do pensamento positivo em repor-se a partir de uma intervenção inicial junto à sociedade, quesito cuja negação viola o pensamento de Comte.

“Porque vinculava estreitamente a vida intelectual à vida social, Augusto Comte não podia separar seu projeto de sociedade de uma epistemologia fundamental. E, se projetou e realizou uma obra enciclopédica, é porque considerava os problemas políticos, sociais e culturais como estreitamente ligados à nossa capacidade de resolvê-los – sendo que essa capacidade era, ela mesma, política, social e cultural”. [7]

Ou, nas palavras do próprio Comte

“Considerando sob o ponto de vista dinâmico, tudo se reduz a estudar a marcha efetiva do espírito humano em exercício, graças ao exame dos processos realmente empregados para obter os diversos conhecimentos exatos que já adquiriu, o que constitui essencialmente o objeto geral da filosofia positiva, assim como o defini neste discurso.” [8]

Assentida a verdade da afirmativa IV da questão 22, pertinente à competência da física social às modificações necessárias à sociedade, bem como da fecundidade daí resultante às novas elaborações do pensamento positivo, tanto quanto aos ganhos resultantes à humanidade, tem-se que a alternativa indicada pelo gabarito de respostas não se justifica, motivo pelo qual a questão deve ser anulada.

[1] LEVINE, D. Visões da tradição sociológica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Eds., 1997. p. 325.

[2] “Considerando a harmonia interior, parece-me que esqueceis que os nossos instintos pessoais são infelizmente mais enérgicos que os nossos pendores simpáticos” (COMTE. Catecismo positivista. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1978, p. 140.)

[3] Comte se preocupava com o avanço do pensamento anárquico e a consequente desordem da sociedade: “O célebre princípio de Hobbes sobre a dominação espontânea da força constitui, no fundo, o único passo capital que ainda se deu, de Aristóteles até mim, na teoria positiva do governo” (COMTE. Catecismo positivista. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1978, p. 299)

[4] COMTE. Catecismo positivista. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1978, p. 294-295.

[5] COMTE. Catecismo positivista. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1978, p. 254.

[6] REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia: do romantismo ao empiriocriticismo. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005. v. 5, p. 295.

[7] MARIETTI, A. K. 2003. Épistemologie et politique positives. In: Elementos estáticos da teoria política de Augusto Comte. Revista de Sociologia política. Curitiba, 23, p. 65, nov. 2004.

[8] COMTE. Curso de Filosofia Positiva. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1978, p. 294-295.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

#### FUNDAMENTAÇÃO:

O estado positivo não é um fim. Entenda-se fim como construções finalísticas. À física social não compete determinar o fim para o qual a sociedade tende, mas determinar as suas leis gerais e modificá-las no sentido de produzir benefício para a sociedade em geral. O fim é característico das metafísicas e



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

não do estágio positivo: “é no estágio positivo que o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter conhecimentos absolutos, renuncia a perguntar-se qual seja a origem e o destino do universo...”  
(COMTE *apud* REALE, 2005 pág 292).



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 436

Inscrição: 4203746

Candidato: JILDONEI LAZZARETTI

Campus: Osorio

Dt.Envio: 19/05/2015 15:24:20

Questão: 22

Bibliografia: REALE, G.; ANTISERI, D. História da filosofia. São Paulo: Paulus, 2005. v.5.

RECURSO:

Na questão 22, sobre o positivismo de Comte, o item I (considerado correto pelo gabarito) menciona: “Sua física social almeja submeter a realidade social à pesquisa científica rigorosa através da observação e do experimento, de modo precisamente idêntico ao realizado pela física e pela química”. No entanto, com base no volume 5 da obra História da filosofia, de Giovanni Reale e Dario Antiseri (2005), percebe-se que essa afirmação está incompleta e incorreta. Está incompleta porque menciona que a pesquisa da sociologia (física social) ocorre através da observação e do experimento, quando, na verdade, é constituída pela observação, pelo experimento e pelo método comparativo, conforme consta: “Na opinião de Comte, os caminhos para alcançar o conhecimento sociológico são a observação, o experimento e o método comparativo.” (REALE; ANTISERI, 2005, p.295). Além disso, as informações que seguem demonstram que a afirmativa está também incorreta, pois menciona que o experimento na física social é utilizado “de modo precisamente idêntico ao realizado pela física e pela química”, quando, na verdade, a bibliografia supracitada afirma que existem diferenças: “Em sociologia o experimento não é tão simples como em física ou em química, já que não se pode mudar as sociedades à vontade” (REALE; ANTISERI, 2005, p.295). Deste modo, se os referidos autores afirmam que o experimento na sociologia não é tão simples como na física e na química, é incorreto afirmar que são precisamente idênticos. Portanto, a afirmativa I está incorreta. Assim, apenas as afirmativas II e III estão corretas. Como nenhuma das alternativas contempla apenas as afirmativas II e III como corretas, solicito a anulação desta questão.

REFERÊNCIA:

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia: do romantismo ao empiriocriticismo. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005. v. 5.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Alterado o gabarito de C para B.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 544

Inscrição: 3005237

Candidato: ARNILDO POMMER

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 19:11:34

Questão: 22

Bibliografia: Comte, Aguste. Curso de Filosofia Positiva. Os Pensadores, 1983

RECURSO:

22. Em seu Curso de Filosofia Positiva, Augusto Comte apresentou a lei dos três estágios. De acordo com tal lei, “cada uma de nossas concepções principais e cada ramo de nossos conhecimentos passam necessariamente por três estágios teóricos diferentes: o estágio teológico ou fictício, o estágio metafísico ou abstrato e o estágio científico ou positivo” (Comte apud REALE; ANTISERI, 2005, p. 291). No estágio positivo, o espírito humano abre mão das especulações “para procurar apenas descobrir, com o uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, isto é, suas relações invariáveis de sucessão e de semelhança” (Comte apud REALE; ANTISERI, 2005, p. 292). A partir do exposto acima e da filosofia geral de Comte, considere as afirmativas abaixo.

- I. Sua física social almeja submeter a realidade social à pesquisa científica rigorosa através da observação e do experimento, de modo precisamente idêntico ao realizado pela física e pela química.
- II. A lei geral da estática social descoberta por Comte mediante o método da física social é a conexão entre os diversos aspectos da vida social.
- III. A lei dos três estágios é a lei fundamental da dinâmica social, sendo ainda a senda do progresso humano.
- IV. À física social compete compreender os fenômenos sociais e modificá-los em benefício da sociedade em geral, sendo o estado positivo, para onde essa modificação tem lugar ou para onde ela conduz, um itinerário e um fim.

Assinale a alternativa em que todas as afirmativas estão CORRETAS:

- a) Apenas I, II e IV.
- b) Apenas I, III e IV.
- c) Apenas I, II e III.
- d) Apenas II, III e IV.
- e) I, II, III e IV.

Argumentação: Considerando-se que o item “IV” implica o projeto normativo de Comte para a sociedade, exatamente a partir de uma perspectiva racionalista e não empirista, pois o empirismo era considerado, por Comte, uma ingenuidade filosófica, e cuja proposta se articula, também no seu “Curso de Filosofia Positiva” e em outros escritos, na necessidade, em síntese, de “prever para administrar”, o que determina um itinerário e um fim, que seria a realização da ordem (estática social) por intermédio do progresso (a dinâmica social). Parece-me, portanto, que o item IV também deva ser considerado correto, isto, a alternativa correta é a “e” e não “c”, ou seja: “I, II, III e IV”, estão corretas.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO





Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

**FUNDAMENTAÇÃO:**

O estado positivo não é um fim. Entenda-se fim como construções finalísticas. À física social não compete determinar o fim para o qual a sociedade tende, mas determinar as suas leis gerais e modificá-las no sentido de produzir benefício para a sociedade em geral. O fim é característico das metafísicas e não do estágio positivo: “é no estágio positivo que o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter conhecimentos absolutos, renuncia a perguntar-se qual seja a origem e o destino do universo...” (COMTE *apud* REALE, 2005 pág 292).

Alterado o gabarito de C para B.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 35

Inscrição: 3004754

Candidato: MYRIAM SIQUEIRA DA CUNHA

Campus: RGrand

Dt.Envio: 18/05/2015 10:32:57

Questão: 25

Bibliografia: ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à Filosofia*.

RECURSO:

Venho contestar a resposta dada à questão 25, no gabarito preliminar, pelos fatos e fundamentos abaixo expostos:

A questão 25 propõe que sobre a fenomenologia de Edmund Husserl, sejam analisadas afirmativas apresentadas na questão e marcadas se verdadeiras ou falsas. Cinco foram as afirmativas dadas.

Em relação a quarta afirmativa: "Busca a raiz de toda atividade filosófica e científica. Além disso, conduz à certeza do conhecimento e, por conseguinte, é ela uma disciplina a priori".

Impossível depreender-se que seja a afirmativa verdadeira, pelas seguintes razões:

1. Fenômeno é "o que aparece", o que se apresenta à consciência.
2. a fenomenologia visa à descrição da realidade no esforço de encontrar o que é dado na experiência, descreve "o que se passa" efetivamente do ponto de vista daquele que vive determinada situação concreta.
3. O postulado básico da fenomenologia é a noção de "intencionalidade" que significa "dirigir-se para", "visa alguma coisa".
4. Preconiza que não há "objeto em si", já que o objeto é sempre "para" um sujeito que lhe dá significado.
5. A consciência é doadora de sentido, fonte de significado.
6. A fenomenologia é uma filosofia da vivência.

Pode-se dizer que a compreensão do fenômeno é organizada e explicada com base na própria estrutura a priori da consciência, o que não nos leva a poder afirmar como verdadeiro que "CONDUZ À CERTEZA e, por conseguinte, É ELA UMA DISCIPLINA A PRIORI".

Ora, "a priori", conforme Chauí (2013, p. 363) é a condição do conhecimento que é logicamente anterior à experiência. Assim, não se pode pensar em "disciplina a priori", pois se estaria negando a própria essência da fenomenologia que "visa à descrição da realidade e coloca como ponto de partida de sua reflexão o próprio ser humano, descreve o que se passa efetivamente do ponto de vista daquele que vive determinada situação concreta" (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 198), ou seja, é sempre um processo indutivo. Com isso, também errôneo afirmar que leva "à certeza do conhecimento", pretensão da ciência positiva, sempre questionada pela própria fenomenologia.

Diante disso, a quarta afirmativa É FALSA.

Pelos motivos acima elencados, peço:

1. seja aceite este recurso;
2. seja a quarta afirmativa da questão 25 considerada falsa;
3. seja considerada como resposta correta à questão 25 a letra D (V, F, V, F e F).

Bibliografia

CHAUÍ, Iniciação à Filosofia. São Paulo: Ática, 2010.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2009.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

**FUNDAMENTAÇÃO:**

A fenomenologia de Husserl, seja como atitude ou postura filosófica ou como movimento de ideias com método específico, visa sempre o rigor radical do conhecimento. Por esta razão, ela é denominada de “ciência dos fundamentos e das raízes, ou seja, uma ciência radical, uma ciência dos fundamentos originários”. (p. 22). Ademais, a fenomenologia husserliana conduz à certeza do conhecimento por meio da “evidência apodítica”, entendida como “ausência total de dúvida”. Por excluir a possibilidade da dúvida e, por conseguinte, do erro, a evidência torna-se um critério de verdade e de certeza. Por fim, na ótica fenomenológica, a filosofia, enquanto ciência de rigor, deve se fundamentar num a priori universal. Este se constitui a partir das “coisas mesmas”, na medida em que se apresentam em sua pureza à consciência. Para Husserl, “a consciência, ao ser estudada em sua estrutura imanente, mostra-se como algo que ultrapassa o plano empírico e emerge como condição a priori de possibilidade do próprio conhecimento, ou seja, consciência transcendental”. (p. 21). A fenomenologia, então, ao pretender ser ciência das essências torna-se, ela mesma, o a priori das ciências. Em suma, ela é uma gnosiologia da consciência, enquanto consciência; uma filosofia transcendental, quer dizer, uma crítica da razão, enquanto fenômeno da consciência constituinte.

**REFERÊNCIA**

HUSSERL, Edmundo. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Introdução e tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 67

Inscrição: 4205017

Candidato: KATHLEN LUANA DE OLIVEIRA

Campus: Osorio

Dt.Envio: 18/05/2015 11:29:25

Questão: 26

Bibliografia: REALE, G., ANTISERI, A. História da filosofia. VOLUME 6 - p. 226-231

RECURSO:

Trata-se da ambiguidade da alternativa "b", em Sartre, quando fala da consciência e quando a consciência livre - que vem a ser a existência ou o homem, "é um nada de ser e, ao mesmo tempo, um poder nulificante, o nada" (REALE, 2006, p. 228). O nada aparece ao homem quando este, numa atitude interrogativa junto ao ser, entra em relação com o mundo. Deste modo, Sartre investiga a interrogação como conduta primeira porque, segundo ele, ela é uma atitude dotada de significação. A alternativa, ao colocar o verbo "fundamentar-se" impossibilita a compreensão exposta por Reale de que a liberdade seria um não ser, logo, ela é o ser do homem, isto é, o seu nada de ser. Trata-se de perceber o "nada" nessa relação que está fundamentada nessa consciência entre ser e nada. A resposta da letra "b" impossibilita a interpretação de que em Sartre, o homem, como aquele ser, essencialmente, livre, interroga o ser do mundo, neste interrogar, percebe-se como o nada no mundo, ao se perceber, também, como um nada de ser, se angustia.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 82

Inscrição: 0704018

Candidato: JOÃO EDUARDO NAVACHI DA SILVEIRA

Campus: Caxias

Dt.Envio: 18/05/2015 12:15:04

Questão: 26

Bibliografia: SARTRE, J. P. O ser e o nada; e, SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo.

RECURSO:

Por gentileza, peço que analise de maneira detida todas as alternativas da questão 17, especialmente a alternativa B. Verá que a frase "O ser se fundamenta no nada" é correta e que, portanto, não existem sentenças incorretas na questão. São inúmeras as passagens dos textos de Sartre, citados na bibliografia, nas quais o autor reconhece a ausência de fundamentação, a carência de valores absolutos que sirvam de referência para as ações humanas. Sartre escreve acerca do fato do homem "ter sido arremessado na existência", ser um ser "desamparado" que necessita de criar valores e normas para suas ações. O próprio exemplo utilizado por Sartre em "o existencialismo é um humanismo", no qual se refere à escolha do jovem em relação à guerra, revela a ausência de fundamento presente na condição humana. Neste sentido, o homem seria um permanente criador de si e possuiria o "nada" como fundamento. Suas ações seriam marcadas por um não fundamento. Isto é, o nada engendraria o ser. Obrigado

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 355

Inscrição: 3002863

Candidato: MATHEUS GENSKE SIQUEIRA

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 11:16:46

Questão: 26

Bibliografia: Ser e o nada (Sartre, 2001)

RECURSO:

Nessa questão em específico trata-se de marcar a alternativa incorreta no qual no gabarito consta a alternativa B (o ser se fundamenta no nada). Porém, para Sartre o ser fundamenta-se no nada. Segundo Sartre (2001, p.46), “a possibilidade permanente do não-ser fora de nós e em nós” que “condiciona nossas perguntas sobre o ser”. O ser se fundamenta no nada pela nadaificação, ou seja, em Sartre (2001, p. 60), “não pode ser a menos que se nadaifique expressamente como nada no mundo; quer dizer, que, na sua nadaificação, dirige-se expressamente a este mundo de modo a se constituir como negação do mundo”. com efeito, o nada é aquilo que sustenta a negação e que lhe tratá a o elemento interrogativo que destacará o homem enquanto possibilidade de sua liberdade. Ou seja, o para-si enquanto ser da consciência. Por fim nessa citação parece-me demonstrar a intenção sartriana nesse sentido da imprecisão da proposição em evidência: “o homem o ser pelo qual o nada vem ao mundo” (SARTRE, 2001, p. 67).

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 545

Inscrição: 2105206

Candidato: RICARDO LAVALHOS DAL FORNO

Campus: Ibiruba

Dt.Envio: 19/05/2015 19:13:12

Questão: 26

Bibliografia: O ser e o nada (Jean-Paul Sartre)

RECURSO:

Na questão referente ao pensamento existencialista de Sartre, a seguinte afirmativa está como INCORRETA:

"b) O ser se fundamenta no nada".

No entanto, em seu livro "O ser e o nada", Sartre afirma que o homem existe primeiro como ser livre (nada) para depois se definir (ser). Daí sua máxima "a existência precede a essência" (que na mesma questão da prova objetiva consta como correta). Nas palavras do próprio autor:

"(...) o nada é esse buraco no ser, essa queda do Em-si a si, pela qual se constitui o Para-si. Mas essa queda não pode 'ser tendo sido' salvo se a sua existência emprestada for correlata a um ato nadificador do ser. Esse ato perpétuo pelo qual o em si se degenera em presença a si é o que denominaremos de ato ontológico. O nada é o ato pelo qual o ser coloca em questão seu ser ou seja, precisamente a consciência ou Para-si.(SARTRE. 2002, p.127/128)"

Ora, sendo assim, não é possível que tal afirmação seja incorreta.

( X ) DEFERIDO ( ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO: QUESTÃO ANULADA.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 83

Inscrição: 0704018

Candidato: JOÃO EDUARDO NAVACHI DA SILVEIRA

Campus: Caxias

Dt.Envio: 18/05/2015 12:17:18

Questão: 29

Bibliografia: Edital do próprio concurso

RECURSO:

A questão 29 possui a alternativa E como correta. No entanto, o “estado de bem estar” não é indicado como ponto de estudo do concurso. Atente-se que apenas o estudo do neo-liberalismo, o liberalismo, o comunismo e o socialismo são solicitados. Portanto, peço a anulação desta questão. Obrigado.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

A bibliografia referente à questão é “REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia: De Freud a atualidade. São Paulo: Paulus, 2006”, pag. 44 a 47. A questão refere-se à teoria econômica de John Maynard Keynes. Nesse sentido, a questão assume a figura de Keynes como o pensador que elaborou significativas críticas ao liberalismo. Atente-se para a inclusão da questão no debate polarizado pelos extremos do liberalismo e do socialismo: conforme Reale e Antiseri (2006, p. 46), para Keynes, “o Estado não pode ser simples espectador dos comportamentos econômicos dos particulares nem, como sustentam os marxistas, tem a função de eliminá-los”.





Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 302

Inscrição: 3004925

Candidato: MAURÍCIO MEDEIROS VIEIRA

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 02:49:09

Questão: 29

Bibliografia: Não encotrei bibliografia

RECURSO:

O Problema na questão 29 é que não há uma bibliografia que seja relacionada a questão ou que aborde direto ou indiretamente a questão. Nesse sentido, em resumo, a questão trata da intervenção do governo no caso de crises econômicas juntamente aliadas por programas sociais podem ser admitidas, grosso modo, tanto por um estado de bem estar quanto socialismo. Nesse caso, sem uma referencia bibliográfica específica se torna obscura a resposta correta.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

A bibliografia referente à questão é “REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia: De Freud a atualidade. São Paulo: Paulus, 2006”, pag. 44 a 47. A questão refere-se à teoria econômica de Jonh Maynard Keynes. O mérito da questão e que necessariamente conduz a resposta à alternativa “c” e o que provoca o desequilíbrio em relação à dúvida que pode surgir na interpretação da última afirmação está na referência do restante do enunciado à economia de mercado e que está implícito na conclusão “determinados controles não devem ser abandonados à iniciativa individual”.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 365

Inscrição: 3004110

Candidato: GABRIEL HEIDRICH MEDEIROS

Campus: RGrand

Dt.Envio: 19/05/2015 11:37:28

Questão: 29

Bibliografia: CHAÚÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo:Ática, 2004

RECURSO:

Essa é uma questão de ciência política e não de filosofia.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

A primeira parte da questão refere-se à ciência política. A abstração especulativa, ou seja, a pergunta acerca das atribuições do Estado é de natureza filosófica: filosofia política. O tema compõe como parte a reflexão de REALE, 2006 sobre “AS CIÊNCIAS HUMANAS NO SÉCULO XX” e refere-se à filosofia política de John Maynard Keynes.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 259

Inscrição: 3002863

Candidato: MATHEUS GENSKE SIQUEIRA

Campus: RGrand

Dt.Envio: 18/05/2015 22:56:53

Questão: 30

Bibliografia: Bioética (Dall'agnol, Darlei)

RECURSO:

De acordo com a assertiva V, podemos afirmar a bioética seja uma ética particular ou aplicada, porém, logo após há uma inferência que "a bioética pressupõe uma ética geral". Com efeito, afirmar isso, diz-se que a bioética se aproxima á proposições de cunho metafísico (formal), ou seja, com preocupações em resolver as interrogações de natureza ética. Mas de acordo com o seguimento da frase, visa almejar a melhor forma de aplicação no campo pratico de nossos dilemas éticos e morais. Portanto, a bioética não esta preocupada com a natureza da ética como faz entender como pressuposição para uma ética geral( na busca por uma universalidade), e sim, a ética pratica ou aplicada esta comprometida em como procurar sanar e resolver os conflitos éticos concretos ou particulares.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Toda ética particular ou aplicada deve ser precedida por uma ética geral. Desse modo, afirmar que a bioética tem como pressuposto uma ética geral, não significa que ela venha se preocupar, por exemplo, com a natureza da ética, desfocando-se do seu campo de atuação específico: "sanar e resolver os conflitos éticos concretos ou particulares". O que está exposto, na alternativa, é apenas o pressuposto. E isto não altera o sentido da natureza e dos fins da bioética.



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

## PROTOCOLO: 447

Inscrição: 0704989

Candidato: KAREN GIOVANA VIDELA DA CUNHA NAIDON

Campus: Caxias

Dt.Envio: 19/05/2015 15:35:34

Questão: 30

Bibliografia: Edital nº 06/2015 ANEXO II – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

RECURSO:

Segundo o enunciado da questão 30, o candidato deveria analisar afirmativas relacionadas aos temas de bioética e ética do meio ambiente. Ao ler as afirmativas, contudo, pode-se perceber que elas tratam de conteúdo não previsto no edital do concurso. Segundo o Conteúdo Programático para a prova de Filosofia, o que era previsto que pudesse estar presente na prova sobre o tema bioética era: “Temas de bioética. Clonagem, manipulação genética, eutanásia, aborto, eugenia, vida e morte.” As afirmativas sobre bioética presentes na questão 30, contudo, excediam esse tópico, ou seja, não se restringiam a tratar de “temas de bioética”, dentre os quais a clonagem, a manipulação genética, a eutanásia, o aborto, a vida e a morte são exemplos.

A afirmativa I, por exemplo, tratava do surgimento do interesse pela bioética (em que época se deu e sua causa), que não pode ser considerado propriamente um tema de bioética. Ademais, a afirmativa II, que trata dos princípios básicos da bioética estabelecidos pelos teóricos Beauchamps e Childress, não aborda nenhum tema de bioética propriamente, mas sim uma tentativa, feita por esses autores, de traçar princípios gerais para a bioética. Do mesmo modo, a afirmativa V, que trata da caracterização da disciplina bioética, não constitui um tema de bioética propriamente.

Sendo assim, os temas tratados pelas afirmativas I, II e V, por não tratarem de “temas de bioética”, extrapolam o conteúdo previsto no edital. Diante disso, requer-se, por meio deste recurso, a anulação da questão 30.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO

FUNDAMENTAÇÃO:

Temas específicos de bioética pressupõe o universo da bioética, do qual participam, por exemplo, princípios básicos, historicidade e elementos de ética geral.